**Sumário**

Apresentação **6**

**Os Bronzes**

Nilton Pacheco de Oliveira **10**

Edvaldo Valério  **21**

Adriana Araújo **33**

**As Pratas**

Formiga **45**

Fabiana **55**

**O Ouro**

Ricardo **66**

Referências **76**

**Apresentação**

A cada quatro anos, brasileiros se reúnem em frente a televisões para assistir e torcer pelos seus atletas através da televisão. Não, não se trata de Copa do Mundo. Os Jogos Olímpicos nem de perto têm a mesma capacidade de mobilização que o torneio de futebol possui no Brasil, mas sua simbologia e abrangência são insuperáveis entre todos os eventos esportivos.

Pense na chama olímpica, que desde a antiguidade está presente na tradição do evento. Em homenagem à deusa Hera, ela permanecia acesa durante toda a competição na Grécia Antiga. Nos jogos da era moderna, o fogo ressurgiu a partir de 1928, e desde 1936 percorre um revezamento de proporções globais entre as ruínas da cidade grega de Olímpia e a cidade-sede dos jogos, representando um dos elementos mais emblemáticos de cada edição. Quantos outros rituais de quase 3 mil anos de idade costumamos presenciar atualmente?

Em cada Olimpíada, no espaço de menos de um mês, é realizada a Copa do Mundo das modalidades mais importantes do planeta – exceto o futebol masculino. Na edição de Londres, em 2012, representantes de 204 países estavam em campos e quadras para disputar medalhas. A título de parâmetro, nem a Organização das Nações Unidas reúne tantos membros: são apenas 193.

Estar entre os três melhores de suas modalidades em um determinado período significa colocar o seu nome na história do esporte. A medalha é o símbolo que faz o atleta lembrar da sua participação vitoriosa nos Jogos Olímpicos, que na maioria dos casos representa o momento mais glorioso da carreira dele.

Apenas dez pessoas que nasceram na Bahia subiram em pódio olímpico na história. Bebeto, Aldair e Dida no futebol masculino; Elaine, Fabiana e Formiga no futebol feminino; Ricardo no vôlei de praia; Nilton Pacheco de Oliveira no basquete; Adriana Araújo no Boxe; e Edvaldo Valério na natação tiveram a honra de ter medalhas desejadas pelo mundo inteiro penduradas no seu pescoço. Seis deles são retratados neste trabalho, representando a realidade dos baianos que alcançaram o topo em suas modalidades.

Idealizador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, o barão Pierre de Coubertin já viu o seu filho contrariar algumas das regras estabelecidas ainda em 1896, quando o evento aconteceu pela primeira vez. A princípio apenas atletas amadores poderiam competir, pois sem receber dinheiro de clubes ou patrocinadores eles preservariam o espírito do amor ao esporte. Mas as necessidades econômicas prevaleceram e além de contar com a participação de atletas profissionais, o evento custou 14,4 bilhões de dólares.

A outra desobediência serviu para corrigir um erro histórico. Nem na antiguidade nem em 1896, as mulheres eram permitidas nos Jogos Olímpicos, para Pierre de Coubertin, a ausência delas fazia parte do ideal olímpico. Mas as atletas conseguiram seu espaço já a partir da segunda edição, justamente em Paris, cidade natal do barão. Desde então, sua parcela de importância cresceu vertiginosamente e atualmente elas representam praticamente metade dos competidores.

A baiana Adriana Araújo faz parte dessa história ao participar da primeira edição em que o boxe feminino integrou o programa olímpico. Em 2012 ela foi muito além da participação ao ganhar a medalha de bronze, a primeira do Brasil na modalidade desde 1968, com o pugilista Servílio de Oliveira.

Entre os atletas nascidos na Bahia que tiveram a honra de subir em um pódio olímpico, o que tem a história mais rica é também uma mulher. Formiga é a única jogadora a participar de todas as edições dos jogos em que foi disputado o futebol feminino. Em 2004 e 2008 ela ficou com a medalha de prata. Nesta última, já veterana, ela teve como companheira de equipe a conterrânea e ainda promissora Fabiana.

A história de vitórias de atletas baianos no maior palco do esporte começou ainda em 1948. Nilton Pacheco de Oliveira fez parte da delegação brasileira de basquete que visitou uma Londres arrasada pela Segunda Guerra Mundial e saiu de lá com um valioso terceiro lugar, dando início a era mais gloriosa da modalidade no Brasil. Pacheco morreu em 2013, mas sua história segue preservada entre álbuns e recortes de jornal no bairro do Leblon, no Rio de Janeiro.

O capítulo mais vitorioso aconteceu em 2004, no vôlei de praia. Em parceria com Emanuel, Ricardo teve a chance de subir no lugar mais alto do pódio e ouvir o hino nacional no país que foi berço dos Jogos Olímpicos. Ao longo de suas quatro participações, ele também se tornou o atleta nascido na Bahia com mais medalhas na coleção. Em 2000, a medalha conquistada foi prateada e oito anos depois veio o bronze.

Adriana, Ricardo, Fabiana, Formiga, Edvaldo e Pacheco compartilham o sentimento de receber uma medalha olímpica, algo restrito a tão poucos atletas. Eles também têm em comum o fato de terem Salvador como cidade natal, apesar da maioria ter criado suas raízes no esporte fora da Bahia. O ex-jogador de basquete passou a maior parte da vida no Rio de Janeiro, enquanto o único medalhista de ouro da lista já se considera metade paraibano.

Tendo a Bahia como ponto de partida, eles inspiraram jovens atletas em todo o Brasil, graças às suas braçadas, arremessos, socos, cortadas e chutes. Cada um guarda histórias incríveis sobre como cresceram e alcançaram o pódio olímpico. E enquanto esses momentos são relatados aqui, aguardamos novas gerações aumentarem a lista de baianos que poderão contar que um dia estiveram entre os melhores do mundo no esporte que amam.

**Os Bronzes**

**Nilton Pacheco de Oliveira**

|  |  |
| --- | --- |
| ☆ 20/07/1920 ✞ 26/06/2013 | Participação em Jogos Olímpicos: 1948 (bronze) |

A história de um dos capítulos mais antigos da história olímpica baiana está guardada em um prédio no Rio de Janeiro, no bairro de Ipanema. Por mais de meio século, Nilton Pacheco de Oliveira morou em um apartamento distante apenas alguns metros de um dos pontos mais glamourosos da orla carioca. Por isso o vento sopra forte – e frio – a partir do final da tarde, no caminho entre a praia e a residência do ex-jogador de basquete.

O prédio onde Pacheco morou durante a maior parte da sua vida mantém os traços de uma antiga arquitetura, característicos da vizinhança em Ipanema. As grades sanfonadas que ajudam a fechar as portas do elevador e as paredes desgastadas não escondem a idade do imóvel, localizado em um espaço nobre da capital fluminense, onde predominam a classe média alta e a classe alta.

Pacheco, no entanto, não mora ali desde junho de 2013. Debilitado e passando a maior parte dos seus últimos anos deitado em uma cama, ele se despediu da vida aos 92 anos, e teve suas cinzas deixadas no Memorial do Carmo, também no Rio de Janeiro. Mas o seu legado como jogador de basquete segue imortalizado nas páginas de álbuns que ele próprio organizou sobre sua carreira esportiva.

"Ele era muito organizado, muito metódico", lembra Flávio Roberto Morgado, marido de uma sobrinha de Pacheco. A característica ficava evidente ao ver como estavam arrumadas as recordações dos 12 anos como jogador profissional de basquete. Um álbum traz fotos dele e dos times dos quais ele fez parte como atleta. Todas as imagens organizadas em ordem cronológica e com a devida legenda escrita de branco nas páginas escuras. Outro tem recortes de jornais com entrevistas e notícias dos seus momentos mais marcantes dentro das quadras, sempre com o cuidado em destacar na cor rosa cada linha ou texto em que ele aparece como o personagem principal. Além dos dois livros com imagens, alguns pedaços de revista e jornal soltos dentro de uma pasta completam a memória registrada em papel do ex-jogador.

As fotos evidenciam uma pessoa magra, de rosto retangular e que quase sempre portava um bigode muito bem cuidado. Apesar do seu gosto por festas, os retratos da época pediam posturas sérias de quem se apresentava em frente a uma câmera. Por isso a maioria dos seus registros são marcados por poses frias ao lado de companheiros de equipe.

As paredes do apartamento em Ipanema também estão cheias de boas recordações. Há um quadro que é decorado apenas com medalhas conquistadas ao longo da carreira, mas a mais especial de todas tem uma moldura só pra ela. O bronze olímpico de 1948 é mais adorado do que qualquer ouro ali: “Aquilo representa uma época", avalia Lygia de Oliveira, viúva de Pacheco.

|  |
| --- |
| Seleção de basquete nos Jogos de 1948 (Foto: Arquivo/CBB) |
| *Primeiro em pé da direita para esquerda, Pacheco posa com jogadores da seleção nacional (Arquivo/CBB)* |

Uma época que para o basquete brasileiro marca o momento em que a seleção nacional começou a competir de igual para igual com as maiores potências do mundo. E para Pacheco, representa o ponto mais alto da sua vida esportiva. O terceiro lugar dos Jogos Olímpicos de Londres, em 1948, era a maior conquista do esporte no País até então e quebrou um jejum de três edições sem que o Brasil conquistasse um lugar no pódio em qualquer modalidade.

Também debilitada por conta da idade, Lygia de Oliveira vive acompanhada de duas enfermeiras que a ajudam nas tarefas do dia a dia. Sua vontade de contar a rica história de mais de 90 anos costuma ser traída pela sua garganta, que trava a fala e permite poucas frases extensas, e pela sua memória, que faz ela titubear até se lembrar de detalhes do passado.

Nos jornais antigos, o seu marido era tratado pelo nome de Pacheco, mas para Lygia era o seu Nilton. E quando o assunto da conversa é ele, o encanto toma conta do seu rosto: “Era uma pessoa maravilhosa!”. Os dois formavam um casal boêmio, que gostava de frequentar festas desde a década de 40, quando eles se conheceram em um baile do Fluminense Football Club, onde ela jogava tênis e ele já fazia parte da equipe de basquete. Após cinco anos de namoro, os dois se casaram e seguiram com a alegre rotina das boates.

Os familiares lembram bem de como era agitada a vida do casal. "Era boate e viajar o mundo", recorda Fernanda Guedes, sobrinha de Lygia e Nilton. "E carnaval!", completa Morgado, o marido dela." Os dois eram amantes das escolas de samba e desfilar no Sambódromo da Marquês de Sapucaí era um dos passatempos favoritos na festa. Um porta-retratos que enfeita a sala de jantar do apartamento mostra Lygia com uma fantasia exuberante, digna de um destaque em carro alegórico, posição que ela ocupou em desfiles ainda nos anos 80.

“Ele não gostava muito de carnaval, mas aí quando eu fui desfilar ele resolveu ir também. Eu desfilei três anos seguidos. O primeiro ano ele não foi, mas nos dois outros ele foi comigo. Ele dizia 'só vou desfilar por sua causa!'. Ele gostou, encheu a cara e fez um desfile muito bom", brinca Lygia. A festa era assunto sério para ela, que forçava o marido a decorar as músicas das escolas: “Era um exercício quase diário. Ele dizia que não aguentava mais gravar aquelas letras. E ela, 'não faltou o 'o'!'", ri a sobrinha.

A carreira como jogador de basquete já havia proporcionado diversas visitas a países da Europa e América do Sul, mas mesmo depois de aposentado, conhecer novos lugares seguia como um *hobby* do casal. Apesar de um dos destinos favoritos de Nilton ser o Japão, o estado natal dele também costumava entrar no roteiro de viagens.

Nilton saiu cedo de casa, ainda antes dos 20 anos, e escolheu o Rio de Janeiro como novo lar para dar sequência aos estudos e à carreira como atleta. Os pais dele ficaram desapontados ao ver que o filho não seria um advogado e que no final o basquete falaria mais alto. Mas foi no esporte que ele ganhou notoriedade dentro do País – inclusive no estado onde nasceu – e deixou o nome da família marcado na história da modalidade no Brasil.

Apesar de morar a mais de mil quilômetros de Salvador em uma época que o avião era um meio de transporte restrito, Nilton não deixou de visitar seu estado natal para ver sua família e permitir que eles conhecessem sua esposa. No Rio de Janeiro a distância era encurtada através da culinária. Sua felicidade em ter uma empregada doméstica baiana era explicada pelo seu desejo por comidas típicas baianas, que faziam ele se lembrar de sua origem.

Estar no apartamento de Lygia e Nilton é quase como viver a realidade de décadas atrás. Em meio às paredes preenchidas com quadros de pinturas, os móveis de madeira se destacam pelos detalhes em seu desenho e até mesmo a televisão de tubo da sala foge dos padrões atuais com suas 20 polegadas, aproximadamente. Além disso, os cômodos amplos e o pé-direito alto indicam ele preserva características de imóveis antigos, da mesma forma que o prédio como um todo.

A viagem até o passado continua ao ouvir Lygia narrar que seu marido viajou para o “estrangeiro” e que ele era um “olímpico”. Os álbuns onde seguem guardadas as recordações da carreira esportiva de Pacheco também estão repletos de palavras que ou caíram em desuso ou que a longo dos anos passaram a ser escritas de uma maneira diferente. Algo como “O scratch brasileiro de basketball venceu pelo placard de 64 a 42”, seria escrito em um jornal do século XXI com as palavras time, basquete e placar. E se o escore da peleja foi decidido pelo crack do Brasil, melhor dizer que o resultado da partida foi decidido por um craque.

Pacheco começou sua carreira esportiva aos 16 anos, no Clube Bahiano de Tênis. Em 1939, o clube fechou seu departamento de basquete e o jogador se transferiu para o Clube de Regatas Itapagipe, como narra uma reportagem do Diário da Bahia de 1942, conservada em um delicado papel de jornal antigo. Naquela oportunidade, ele estava em seu estado natal a convite do Botafogo de Regatas, do Rio de Janeiro, para disputar um jogo justamente contra o Itapagipe.

Entre 1936 e 1939, o adolescente fez parte do scratchman baiano, ou melhor, da seleção baiana de basquete. Com 1,80 metro de altura, ele jogava como armador, mas publicações da época se referiam a ele como guarda, da mesma forma que pivôs e alas eram chamados de centros e pontas, respectivamente. Nomenclaturas para as posições de basquete que se transformaram para chegar ao modo que as conhecemos hoje.

Pacheco se mudou para o Rio de Janeiro e começou a jogar pelo Fluminense em 1940 e foi convocado pela seleção brasileira no ano seguinte, para disputar sua primeira competição representando o País. Ainda sem conquistar nenhum título pelo time nacional, ele já era tratado como um dos orgulhos da Bahia. “Muito jovem ainda, Pacheco tem boa altura e está ainda fadado a alcançar grandes sucessos na sua vitoriosa carreira esportiva”, conclui a matéria do Diário da Bahia de 1942.

Enquanto a Europa era o campo de batalha para a Segunda Guerra Mundial na primeira metade da década de 40, restavam as competições continentais para Pacheco e a seleção brasileira disputarem. Depois da edição de 1936, em Berlim, os Jogos Olímpicos tiveram um hiato de 12 anos enquanto a paz não era restabelecida, por isso o torneio mais importante a ser disputado na época era o Campeonato Sul-Americano.

Convocado para o time nacional já em 1941, em abril do mesmo ano ele disputou o torneio continental na cidade de Mendoza, na Argentina. O pôster da competição ainda está guardado entre as suas relíquias no apartamento onde morava, em Ipanema, assim como as fotos tiradas de dentro do navio no embarque para a cidade argentina. O desempenho de uma vitória e quatro derrotas rendeu apenas a quinta colocação para o Brasil entre seis seleções. Em quatro jogos disputados, Pacheco marcou 13 pontos.

No ano seguinte, ele não estava na equipe que conseguiu um modesto entre cinco equipes no Campeonato Sul-Americano disputado em Santiago, no Chile. Em 1943 o torneio passou a ser disputado a cada dois anos e a seleção brasileira nem mesmo enviou sua delegação para Lima, no Peru, algo que nunca mais voltaria a se repetir.

Sem dúvidas um dos capítulos mais registrados da vida esportiva do baiano radicado no Rio de Janeiro é o Campeonato Sul-Americano seguinte, jogado em Guyaquil, no Equador. Banhada pelo Oceano Pacífico e tendo o porto como o pilar de sua economia, a cidade escapa da altitude dos Andes que marca o centro do país.

O Brasil chegou ao Equador com apenas um título do torneio em sua história, vencido no Rio de Janeiro, em 1939, quando Pacheco ainda começava a se destacar nas quadras da Bahia. Para conquista-lo pela segunda vez, foi organizada uma preparação de dois meses, com o objetivo de deixar os atletas em seu auge. “Ao começar o campeonato o nosso físico estava tão preparado, que jogar somente 40 minutos era para nós brincadeira. Ao término de cada jogo não sentíamos o menor sinal de cansaço”, revela o armador em entrevista concedida na Bahia à revista da Radio-Esportes, poucos dias depois do torneio.

Argentina e Uruguai foram as seleções que ficaram mais próximas do Brasil no placar final e segundo as palavras de Pacheco à Radio-Esportes foram também os adversários mais duros. Mas após cinco jogos disputados por cada país em Guayaquil, veio o título invicto. A seleção brasileira foi a única a vencer todos os oponentes e levantou seu segundo troféu na história.

Em quadra nas cinco partidas, Pacheco marcou 34 pontos e se emocionou ao agradecer o carinho do público presente no ginásio: “Tivemos que percorrer a quadra para que os espectadores aplaudissem os campeões. Toda aquela massa em pé aplaudindo, gritava: ‘Bravo Brasil!’. Senti um tremendo nó na garganta que felizmente desapareceu ao primeiro gole de champanhe que nos esperava no vestiário”, brinca o jogador na entrevista para a publicação baiana.

A ausência de fotos de Pacheco representando a seleção brasileira entre 1942 e 1944, foi compensada pelos fartos registros proporcionados pelo título do Campeonato Sul-Americano de 1945. Das fotos posadas com o restante da delegação em Guayaquil até o retorno ao Brasil, o torneio continental é o que está mais bem guardado em seu álbum. A chegada com festa no aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, e as homenagens prestadas pelo Fluminense e pela Confederação e Conselho Nacional dos Esportes dão o tom de como foi tratada a conquista no País, a maior do basquete brasileiro até então.

O campeonato terminou em agosto de 1945, quando a Segunda Guerra Mundial também tinha em desenvolvimento seus capítulos finais. A essa altura ainda não se sabia quando seria disputada a edição seguinte dos Jogos Olímpicos, mas Pacheco já desejava uma oportunidade na maior competição esportiva do planeta: “Disputar uma Olimpíada é a minha última aspiração, e devido a isso é que ainda continuo correndo atrás da bola”, revelou à revista Radio-Esportes. “E se não demorar muito, sou capaz de conseguir”. Para sorte dele, a espera foi de apenas três anos.

Em 1948, Londres provavelmente se tornou a sede menos preparada para receber os Jogos Olímpicos. A capital inglesa já havia sido escolhida para receber as competições no ano de 1944, mas elas não foram realizadas por conta da Segunda Guerra Mundial. No final da década a cidade ainda lutava para se reconstruir depois de receber bombardeios e ser palco de batalhas. Não à toa o evento foi apelidado de jogos da austeridade e precisou de doações de outros países para ser viável.

A seleção brasileira saiu da capital carioca sob olhares de desconfiança. Após o título do Campeonato Sul-Americano de 1945, a equipe ficou em segundo lugar dois anos depois, perdendo o torneio no Rio de Janeiro para o Uruguai. Pacheco estava entre os convocados daquela delegação e marcou 14 pontos em quatro jogos disputados. “Alguns jornalistas achavam que nós íamos fazer turismo em Londres”, explica o jogador baiano em entrevista ao programa ‘A Aventura Brasileira nas Olimpíadas’, exibido na emissora GloboNews. “Então isso nos favoreceu, porque a turma ficou muito unida e queriam demonstrar que não éramos turistas, que nós íamos disputar as Olimpíadas e ganhar alguma coisa”.

Em um grupo com seis equipes na primeira fase, apenas os dois primeiros para se classificavam para as quartas de final. E a equipe de Pacheco não teve dificuldades para cumprir esse primeiro objetivo. Os dois primeiros jogos foram os mais apertados dessa fase. Na estreia, contra a Hungria, a partida foi decidida apenas na prorrogação: 45 a 41. Em seguida, o adversário era bem familiar. Brasileiros e uruguaios se alternaram na primeira e segunda posições das duas últimas edições do Campeonato Sul-Americano e agora se encontravam em um palco ainda maior. Em Londres, o Brasil venceu por 36 a 32 e deixou a classificação praticamente encaminhada.

Entre a capital inglesa e o Rio de Janeiro, as boas novas chegavam aos familiares através de cartas. "Dava pra eu escrever sempre e ele gostava porque recebia várias cartas minhas", lembra Lygia de Oliveira. A esposa de Pacheco acompanhava com alegria a saga do time de seu marido. A seleção brasileira encerrou a primeira fase com três vitórias fáceis sobre Canadá, Itália e Reino Unido.

Apesar do sucesso em terras britânicas, o Brasil ainda sentia as consequências por estar jogando em um país que havia acabado de sair de uma guerra. Com poucos lugares com estrutura para jogar basquete, os treinamentos costumavam passar por improvisos. “Nós estávamos em uma concentração muito distante de Londres, então nós tivemos que improvisar em um gramado”, explica Pacheco ao ‘A Aventura Brasileira nas Olimpíadas’. “Fazíamos uma quadra de basquete e treinávamos a parte tática. Agora não dava para terminar a jogada porque não havia cesta. Fazíamos só as correrias, os bloqueios”.

A preparação não era a ideal, mas o Brasil alcançou as quartas de final da competição. O próximo adversário era a Tchecoslováquia, que impôs muitas dificuldades. Contra eles, a seleção brasileira alcançou sua menor pontuação no torneio, mas suficiente para conseguir a vaga na semifinal: 28 a 23. A essa altura, os veículos de comunicação daqui já se empolgavam com os resultados vindos de Londres. “A nosso respeito, embora a sobriedade da imprensa londrina, diz um de seus órgãos mais classificados: ‘Para se aprender a jogar basket, é preciso ver os brasileiros jogarem”, publicava o carioca Jornal dos Sports, na sua edição do dia 4 de agosto daquele ano.

A cada jogo, o ônibus da equipe brasileira festejava com música. A preferida do grupo era o samba ‘Quem Parte Leva Saudades’, de Emilinha Borba. Com seis vitórias em seis jogos até então, a cada trajeto a caminho do ginásio ou de volta para os alojamentos a delegação explodia em alegria: “Ai, ai, ai, ai, está chegando a hora!”. Prenúncio de um pódio ou não, o certo era que a medalha olímpica parecia mesmo estar chegando.

Mas ao chegar até a semifinal, o Brasil sentiu o peso de ter um elenco pequeno. Cada seleção podia levar até 12 atletas para Londres, mas o Brasil contava apenas com dez, permitindo um revezamento menor dos jogadores ao longo das partidas. “Houve um grande erro da confederação. Se fosse com 12 jogadores havia uma possibilidade de ter uma medalha de prata talvez”, argumenta Pacheco ao programa da GloboNews. Contra a França, a derrota por 43 a 33 interrompeu o sonho do ouro nos Jogos Olímpicos.

|  |
| --- |
| Seleção de basquete nos Jogos de 1948 (Foto: Arquivo/CBB) |
| *Elenco brasileiro celebra vitória contra Tchecoslováquia e vaga na semifinal olímpica (Arquivo/CBB)* |

A campanha perfeita até então causou euforia no Brasil. Torcedores puderam acompanha a transmissão da sacada da redação do Jornal dos Sports, que instalou caixas de som no local para levar ao público a transmissão da Radio Globo. “Faltou unicamente a vitória dos nossos patrícios”, lamenta a publicação, que no mesmo dia desenha um cenário de desolação dentro do vestiário em uma de suas matérias sobre o jogo: “Recolheram-se os nossos bravos rapazes em prantos”.

Na saída do ginásio, os jogadores mal conseguiram terminar a canção que os embalou durante todo o torneio. Antes mesmo de chegar no verso “eu tenho que ir embora”, todos estavam entre lágrimas e soluços. Eles nunca tinham feito uma viagem tão triste pela Inglaterra.

Mas não havia muito tempo para recuperação. A medalha de bronze ainda estava em jogo e a partida conta o México não ia demorar para chegar. Para o último jogo, no entanto, o elenco já enxuto sofreu outras duas baixas. Évora e Pacheco não tiveram condições físicas para entrar em quadra na disputa do terceiro lugar e assistiram ao jogo do banco de reservas. Com isso, o treinador Moacyr Daiuto tinha a sua disposição cinco jogadores titulares e apenas três para entrar durante a partida.

Os mexicanos começaram melhor a partida decisiva e abriram dez pontos de vantagem nos primeiros minutos. No intervalo da partida, eles ainda lideravam por 25 a 17. O Brasil deu grandes passos rumo a medalha logo no retorno do vestiário, quando marcou 12 dos primeiros 13 pontos do segundo tempo. O México ainda retomou a ponta quando o placar era de 47 a 45, mas os últimos sete pontos do duelo foram marcados por brasileiros, que ficaram em êxtase com o final do jogo.

“Não há palavras para descrever o que foi essa luta hoje realizada, palavras para expressar o extraordinário esforço desenvolvido pelos rapazes brasileiros contra um adversário incontestavelmente mais forte e mais eficiente do que a França”, celebra o texto de Ari Silva, enviado da Agência Meridional de notícias. “Só mesmo a fibra e o desejo de ver a bandeira brasileira tremular no mastro de Wembley poderiam conduzir nossos denotados atletas a tão excepcional feito”.

Para premiar os atletas, toda a delegação ganhou viagens para Paris e Lisboa antes de retornarem para o Rio de Janeiro. Eles foram recebidos sob palmas por torcedores no aeroporto Santos Dumont e desfilaram pelas ruas da capital carioca até a sede do Fluminense. Aqueles que seriam turistas em Londres, voltaram como heróis.

Era a primeira medalha do Brasil em esportes coletivos na história dos Jogos Olímpicos. Era também a primeira do País em qualquer modalidade desde 1920, na Antuérpia. E mais importante: era a única da vida da maioria daqueles jogadores, inclusive de Pacheco, que depois de contribuir com 36 pontos naquele torneio ainda tem o prêmio guardado em uma moldura especial do seu apartamento.

O terceiro lugar em Londres serviu ainda de inspiração para a geração mais vencedora da história do basquete brasileiro. Nas décadas seguintes o Brasil seguiu entre os melhores do mundo, vencendo duas vezes a Copa do Mundo da modalidade – que começou a ser disputada em 1950 –, em 1959 e 1963, esta última disputada no Rio de Janeiro. A seleção nacional ainda foi vice-campeã da competição em 1954 e 1970. Em Jogos Olímpicos, vieram outras duas medalhas de bronze, em 1960 e 1964, antes do esporte passar por um momento de decadência marcado pela não classificação em três edições seguidas do torneio olímpico: 1996, 2000 e 2004.

Não foram poucas as homenagens que o pódio de 1948 rendeu a Pacheco. No seu acervo de relíquias entre o Arpoador e o morro Dois Irmãos, ainda estão guardados um diploma emoldurado que foi recebido pelos jogadores da delegação em 1948, além de uma placa entregue pelo Comitê Olímpico Brasileiro em 2001, parabenizando-o pela conquista. Mas nada consegue superar o valor sentimental da medalha de bronze que ele um dia pendurou em seu peito e se tornou a peça mais querida de sua coleção: "Todas as pessoas que vinham aqui em casa ele mostrava logo”, recorda Lygia de Oliveira. “Alguns retratos ele nem lembrava, mas essa era a número um”.

A medalha olímpica era o encerramento ideal para a carreira de Pacheco. Mesmo ainda com 28 anos ele optou por deixar a carreira de atleta profissional, mas não deixou de viver de bolas arremessadas na cesta. Logo depois ele se tornou treinador de basquete do Fluminense e por anos os jogos entre ex-jogadores do clube era um de seus passatempos. “A vida dele era basquete”, garante sua esposa.

Mas também havia espaço no coração de Pacheco para outras atividades. Ele chegou a praticar vôlei, e quando as pernas já não eram mais tão fortes para impulsioná-lo, adotou o tênis como diversão já nos anos 90. O ex-jogador de basquete só foi separado dos esportes, quando não teve mais condições físicas para se manter correndo. Em 2008 ele fez uma cirurgia no joelho e pouco antes de iniciar a fisioterapia sofreu um acidente vascular cerebral que comprometeu seus movimentos dali em diante.

Entre recortes de jornal e fotografias, ainda é possível desenhar a vida esportiva de Pacheco através dos álbuns cuidadosamente elaborados pelo ex-jogador. Uma história que já está distante no tempo, mas representa um dos capítulos mais importantes da história do basquete nacional. Em uma época que as notícias demoravam para cruzar o Atlântico, ele foi recebido no Brasil como herói e pelo resto da vida carregou esse orgulho.

**Edvaldo Valério**

|  |  |
| --- | --- |
| ☆ 20/04/78 | Participação em Jogos Olímpicos: 2000 (bronze) |

Quando Edvaldo Valério caiu na piscina para fechar o revezamento 4x100 livre das Olimpíadas de Sidney, a equipe brasileira estava na quinta colocação, atrás de Estados Unidos, Austrália, Rússia e Suécia. Em nenhum momento daquela prova até então, o Brasil esteve em uma posição que lhe garantisse um lugar no pódio, mas pouco mais de 50 metros depois de entrar na água, o último nadador brasileiro já havia deixado pra trás suecos e russos. Ao completar os 100 metros, ele logo se virou para olhar o placar eletrônico, localizado do lado oposto da chegada. E ele indicava que a medalha de bronze estava conquistada.

Em questão de segundos, Fernando Scherer, o Xuxa, se ajoelhou na borda da piscina e foi o primeiro a abraçar o companheiro de revezamento, chorando copiosamente: "Obrigado Edvaldo! Obrigado Edvaldo!", agradecia ele, enquanto segurava a cabeça do nadador baiano com as duas mãos para olhar no rosto de Edvaldo Valério enquanto gritava de emoção. De pé, Gustavo Borges e Carlos Jayme também comemoravam juntos intensamente, e poucos instantes depois os quatro se abraçaram para celebrar a primeira medalha brasileira naqueles Jogos Olímpicos.

O feito aconteceu em 16 de setembro de 2000, mas até hoje o baiano Edvaldo Valério, também conhecido como Bala, não se cansa de assistir o vídeo da prova e sua memória não o trai quando é questionado sobre o que aconteceu naquele dia: "Eu me lembro de tudo. Tudo que me perguntarem nos mínimos detalhes eu lembro como se fosse agora".

Não à toa esse momento ficou tão marcado na sua memória. Depois de levar o Brasil da quinta posição ao bronze em 100 metros, a vida de Edvaldo Valério mudou. A medalha de bronze em Sidney representa sua maior conquista na natação e trouxe reconhecimento a sua carreira. "Consegui colocar meu nome na história. Fui o primeiro negro brasileiro a conseguir uma medalha Olímpica na natação e eu tenho certeza que também abri portas para outros nadadores despontarem na Bahia. Hoje grandes atletas têm a chance de nadar por clubes de fora porque eu fui o pivô disso, eu nadei por clubes de fora.

|  |
| --- |
| http://fw.atarde.uol.com.br/2013/05/650x375_1323189.jpg |
| *Edvaldo Valério ostenta o maior prêmio que recebeu na carreira (Fernando Vivas/Agência A Tarde)* |

Valério não pensa apenas nos novos nadadores que ele pode ajudar a desenvolver, mas também nas pessoas nas ruas que mesmo sem muito contato com o esporte sabem que alguém, um dia, já representou o estado no maior evento esportivo do planeta: “Quando for falar em natação na Bahia pensam logo no meu nome: 'Pô, aquele nadador que foi medalhista olímpico'. O pessoal lembra, o marco está lá, a história está registrada.”

As primeiras braçadas do soteropolitano Edvaldo Valério aconteceram ainda aos três anos, em uma piscina de 20x10 metros, ainda distante das distâncias oficiais. Elas não aconteceram por uma atração particular pelo esporte ou por estímulo dos seus pais, mas sim por indicação médica. A natação seria parte do tratamento para um problema respiratório daquela criança que logo entrou no Clube do Golfinho, em Itapuã, mas ainda sem nenhuma ideia de que ela poderia fazer desse esporte uma profissão.

O Clube do Golfinho ficava na casa do pai de Sérgio Silva, treinador que o acompanharia pela maior parte da sua carreira, inclusive na histórica conquista de Sydney. “Meu irmão dava aulas lá e me disse um dia que tinha um menino muito rápido treinando ali”, lembra Sérgio, que ali prestou atenção pela primeira vez no jovem nadador.

Os primeiros cinco anos de natação de Edvaldo Valério aconteceram no Clube do Golfinho, que teve sua piscina aterrada após a morte do pai de Sérgio Silva. De Itapuã, ele passou a nadar na Vila Olímpica, ao lado do estádio da Fonte Nova, e no novo local de treinamento o tempo que ele passava dentro da piscina já não era mais simplesmente por diversão ou recomendação médica. A partir do final da década de 80, as competições ficaram mais sérias, mas na mesma medida que os bons resultados apareciam, o sacrifício exigido também se intensificava.

"Eu não tive infância praticamente. Eu não podia jogar bola com medo de quebrar a perna ou machucar o dedo, eu não podia sair à noite para brincar com os amigos quando eu era adolescente porque eu tinha que acordar cedo para treinar", conta Valério. O fato de começar a ser apoiado financeiramente foi um marco que mudou o jeito como ele tinha que encarar o esporte: "Desde quando eu ganhei meu primeiro patrocinador eu coloquei na cabeça que era diferente dos outros adolescentes. Minha responsabilidade, minha obrigação era diferente da deles."

Além de sacrifícios na vida pessoal, financeiramente a família de Valério – e até mesmo de colegas de natação – também precisou se sacrificar por muito tempo para ajudá-lo a continuar no esporte. Mais comprometido com competições, ele precisava de ajuda para pagar despesas como viagens, hospedagem e equipamentos. Para cobrir esses gastos, pais de outros meninos que treinavam na Vila Olímpica chegaram a oferecer materiais e fazer rifas para arrecadar dinheiro: "Eu não abandonei a natação em função dessas coisas. Primeiro porque eu gostava e segundo porque eu contei com a ajuda de diversas outras pessoas que fizeram com que eu me mantivesse no esporte".

Mesmo com o apoio de pessoas de fora da família, os quase 15 quilômetros que separavam a sua casa, em Itapuã, da Vila Olímpica, às margens do Dique do Tororó, quase foram suficientes para também separar Edvaldo Valério da natação. A rotina intensa de treinamentos, o obrigava a acordar 4h para pegar um ônibus e treinar entre 5h e 7h. Meia hora mais tarde ele já precisava estar na escola, de onde era liberado 12h. Depois ele podia almoçar e descansar um pouco até chegar a hora de voltar para a Fonte Nova e fazer a segunda rodada de treino na piscina.

"Quando criança você tem que estudar, tem que ter uma qualidade de estudo. A rotina estava começando a ficar desgastante e quando você não tem apoio de patrocínio, você tem que optar entre o estudo e o esporte. Não estava dando para conciliar muito e chegou um momento que eu cogitei parar". Se o problema era a distância, o pai de Edvaldo ofereceu uma solução prática. Em 1994, era o momento de se desligar do local onde treinou por cerca de oito anos. Ele se mudou para o Costa Verde Tennis Clube, provocando uma ascensão no seu desempenho que foi fundamental para sua carreira. "Isso melhorou minha qualidade de vida, de descanso", relata o nadador. "Foi um ano em que também melhorei minhas marcas pessoais. Eu me motivei novamente e a partir daí passei a sonhar mais alto".

Crítico da falta de apoio que é oferecida ao esporte olímpico na Bahia, Edvaldo Valério cita o curto tempo de apoio oferecido pelos patrocinadores como um dos fatores que não dão tranquilidade para o atleta treinar focado em melhorar seu desempenho. "Hoje em dia você vê empresas apoiarem por um ano e dependendo dos seus resultados o acordo é renovado ou não", reclama o nadador, lembrando que no final da carreira ele também precisou bater de porta em porta nas empresas para cuidar da parte financeira, ao invés de estar na piscina.

A situação era muito mais favorável para o baiano na segunda metade da década de 90. Depois de passar pouco tempo no Costa Verde Tennis Clube, ele se mudou para o Clube Associação Atlética Baneb em 1995, ainda com 17 anos. Mesmo sem ainda acreditar que chegar a uma edição de Jogos Olímpicos seria possível, ali começava sua caminhada para a medalha de bronze conquistada em 2000.

Já em 1996, o Banco do Estado da Bahia (Baneb) deu início a um projeto para a natação visando exatamente os Jogos Olímpicos de Sidney. Dois atletas – uma mulher e um homem – seriam selecionados para receber apoio por quatro anos e Edvaldo Valério e Tammy Queiros foram os contemplados. "Ela era uma atleta muito bem ranqueada na época e eu era apenas um iniciante", comenta Edvaldo, "mas já no primeiro ano do projeto eu melhorei meus tempos pessoais e passei a ter resultados bem expressivos". No final das contas, apenas ele se classificou para Sidney e o apoio que valeria apenas até 2000 se estendeu por mais dois anos.

Mesmo fazendo parte de um projeto que buscava colocar dois atletas nos Jogos Olímpicos, fazer parte da elite da natação brasileira ainda parecia um sonho distante para Edvaldo. Um lugar que pertencia apenas aos seus ídolos no esporte. "Eu não visualizava muito essa participação na seleção brasileira", lembra o nadador baiano. "Eu visualizava muito o Gustavo Borges e o Xuxa, que eram os ícones da natação e aí a gente ficava até receoso na questão de acreditar que era possível. Mas aí eu comecei a estabelecer marcas que eram próximas do que eles estabeleciam".

O Troféu Brasil – competição anual atualmente chamada de Troféu Maria Lenk e uma das mais importantes do Brasil – de 1997, disputado em Belo Horizonte, foi um divisor de águas para ele: "Na minha primeira participação no Troféu Brasil já fui bronze nos 100 metros livre, perdendo pra André Cordeiro e Fernando Scherer. Foi a primeira vez que o Gustavo Borges não medalhou nessa prova, justamente quando eu medalhei". Se alguns meses antes Edvaldo Valério colocava seus ídolos em um pedestal, agora ele estava mais perto do que nunca dos dois grandes nomes da natação brasileira na época e seus futuros companheiros de revezamento.

O bom resultado na competição nacional fez ele garantir uma vaga para sua primeira competição internacional. Ao lado de Borges, Scherer e Cordeiro, os outros melhores colocados no Troféu Brasil de 1997, Valério disputou o revezamento 4x100 livre no Mundial de Esportes Aquáticos em janeiro de 1998, na cidade de Perth, na Austrália. Não deixa de ser simbólico que a sua primeira prova disputada fora do Brasil tenha acontecido no mesmo país onde ele teve a maior conquista da sua carreira. Mas dois anos antes dos Jogos Olímpicos, o quarteto brasileiro alcançou o tempo de 3:20.36, - quase três segundos pior que o atingido em 2000 - que lhe deixou na sexta posição e a quase dois segundos de um pódio, que foi ocupado por americanos, australianos e russos.

Valério ajudava a quebrar tabus ao ser um dos raros negros a competir em raias de natação. Nessa época ele já compartilhava da obsessão dos demais nadadores em evitar ao máximo o atrito com a água. Por isso, todos os pelos eram raspados do seu corpo nas vésperas das competições. Nem mesmo os cabelos escapavam, para que o uso de touca não fosse necessário.

O ouro do Brasil nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1999, garantiu o revezamento 4x100 livre do Brasil nos Jogos Olímpicos de ano seguinte, mas faltava saber quem seriam os representantes da natação nacional na prova. A regra era simples: os quatro nadadores com os melhores tempos nos 100 metros da competição continental disputada no Canadá ou das outras três seletivas restantes ocupariam as vagas e embarcariam para Sidney.

"Na segunda seletiva [o Troféu Brasil de 1999] eu ganhei os 100 livre e pela primeira vez na carreira fiz um tempo abaixo de 50 segundos. Antes só o Xuxa e o Gustavo Borges tinham quebrado essa marca no Brasil. Com esse tempo eu já estava praticamente garantido na Olimpíada", lembra Edvaldo. A tendência se confirmou e ele ficou com um dos quatro melhores resultados do País na prova dos 100 metros nado livre. Seu bom desempenho nas outras seletivas ainda o garantiu nas provas de 50 metros livre e do revezamento 4x200 livre e o baiano embarcou para Sidney com três provas a disputar no maior evento esportivo do mundo.

A delegação brasileira da natação viajou para a Austrália com cerca de um mês de antecedência para se adaptar ao clima e ao fuso horário local. Como tradicionalmente as provas da natação acontecem logo nos primeiros dias dos Jogos Olímpicos, os atletas precisariam estar no auge da sua performance logo nos dias seguintes à cerimônia de abertura do evento, marcada para o dia 15 de setembro.

Os nadadores brasileiros fizeram sua preparação na cidade de Camberra, capital do país e que fica a pouco menos de 300 quilômetros de Sydney. O revezamento 4x100 livre do Brasil vinha credenciado como o sexto colocado no Mundial de Esportes Aquáticos de 1998. Publicações estrangeiras que tentavam prever os pódios de cada prova de cada modalidade dos Jogos Olímpicos não colocavam a equipe brasileira como uma das três que receberia medalha. E nem mesmo entre os nadadores havia muita expectativa por um bronze.

“Eu, Edvaldo Valério, nunca acreditei que a gente ia chegar naquela medalha Olímpica. Quem acreditou muito desde o início, desde quando a gente saiu de Salvador para fazer a aclimatação foi meu treinador, Sérgio Silva. Ele sempre acreditou que a gente iria ganhar aquela medalha. Eu não queria entrar naquela empolgação para não criar uma falsa expectativa, mas ele o tempo todo acreditou”.

Nem mesmo entre os companheiros de revezamento a confiança era tão grande quanto a de Sérgio Silva, que antes mesmo de embarcar para a Austrália se articulou com um patrocinador do nadador baiano para ele gravar um comercial que só seria lançado quando a medalha fosse conquistada. “Mas não foi algo que veio do nada na minha cabeça, eu vinha estudando e trabalhando nisso durante cinco anos para ser o único a achar que o revezamento tinha chances de medalha”, explica o treinador.

Os cerca de 30 dias em Camberra foram fundamentais para a preparação técnica, física e também psicológica de Valério. À medida que seu desempenho crescia, sua confiança também aumentava, e foi a partir desse período de treinamentos na capital australiana que ele passou a confiar mais em uma medalha nos Jogos Olímpicos. “Durante a aclimatação eu vi que estava treinando bem, que eu tinha me adaptado bem ao clima, ao fuso horário, à alimentação e eu percebi que estava bem. Qualquer prova que eu nadasse naquela Olimpíada eu ia nadar bem”. Treinar com intensidade e disciplina nunca tinha sido um problema para Valério, mas os dias que antecederam os Jogos Olímpicos de 2000 foram importantes para chegar nas competições “voando”, como ele próprio descreveu que estava se sentindo nessa época.

Gustavo Borges, Carlos Jayme, Fernando Scherer e Edvaldo Valério tiveram que acompanhar à distância um dos momentos mais aguardados de qualquer edição dos Jogos Olímpicos. A prova do revezamento 4x100 nado livre estava marcada para 16 de setembro, um dia depois da cerimônia de abertura, e tanto a fase eliminatória quanto a final eram disputadas na mesma data, com uma diferença de poucas horas entre uma etapa e outra. Enquanto centenas de outros atletas desfilavam pelo Estádio Olímpico de Sydney e passavam horas em pé, o quarteto brasileiro não podia se dar ao luxo de ter qualquer desgaste na véspera da competição.

Durante as eliminatórias, apenas os favoritos Estados Unidos e Austrália podiam se dar ao luxo de preservar seus principais nadadores – Gary Hall Jr e Ian Thorpe, respectivamente – e incluir eles no quarteto apenas para a disputa por medalha. Ainda assim, os dois países conseguiram os melhores tempos de classificação. Assim como os demais revezamentos, o Brasil foi para a piscina com o que tinha de melhor desde o início e teve a quinta melhor marca nessa fase, ficando entre os oito que se classificaram para a final.

Mas a delegação brasileira se ressentiu de não poder poupar Fernando Scherer. O nadador catarinense era dúvida para participar dos Jogos Olímpicos até semanas antes da abertura por conta de uma entorse que havia sofrido no tornozelo e precisou passar por um tratamento intensivo para se recuperar da contusão e ser liberado para nadar na Austrália. “É o melhor momento da minha vida. Disputando as provas individuais ou não, vou sonhar com medalhas. Quero ouvir o hino nacional. Quando subir no bloco de largada, vou fazer de tudo para ganhar”, disse ele durante a entrevista coletiva em que sua presença em Sydney foi confirmada, no dia 25 de agosto daquele ano. "Gustavo quer que eu participe do revezamento. Nunca o decepcionei e não vai ser agora a primeira vez”, afirmou Xuxa, que chegou a se emocionar e chorar em meio às declarações.

Mesmo liberado para participar do revezamento, Scherer preocupava. O tratamento da entorse no tornozelo atrapalhou a preparação para as Olimpíadas e já durante as eliminatórias ficou claro que ele não estava em sua melhor condição física. A parcial dele foi a pior entre os quatro brasileiros – Edvaldo Valério teve o melhor tempo – e até mesmo os companheiros de revezamento perceberam que ele havia concluído a prova mais cansado que o normal.

Com pouco tempo até a final, os integrantes do revezamento brasileiro se reuniram na Vila Olímpica para rediscutir a estratégia visando a disputa por medalha. Inicialmente, a ideia era repetir a ordem da eliminatória, com Scherer nadando os primeiros 100 metros, Carlos Jayme na sequência, Valério em terceiro, e Gustavo Borges para a última parcial. “O intuito era abrir com um atleta experiente, no meio com dois novatos e fechar com um experiente de novo, que iria ‘segurar o rojão’”, explica o baiano. O problema físico de Xuxa fez a equipe pensar em colocar Gustavo Borges para iniciar a prova, mas ele insistiu para ter uma nova chance, abrindo o revezamento novamente. E a oportunidade foi concedida: “Eu nunca vi um atleta como o Xuxa afirmar que ia fazer determinada coisa e ir lá e cumprir. Até hoje tenho muita admiração por ele”, lembra Valério.

Ao final, ficou definido que Scherer abriria o revezamento, seguido por Gustavo Borges e Carlos Jayme, com Valério encerrando a prova. Seria ele o responsável por ‘segurar o rojão’ e nadar os 100 metros finais: “O fato de ter me preparado bem me tranquilizou para fechar aquele revezamento. Talvez se fosse outro não tivesse tanta tranquilidade como eu tive”.

E de tranquilidade era o clima entre os brasileiros no caminho da Vila Olímpica ao Centro Aquático Internacional de Sydney. Pouco antes de entrar na área da piscina, os 32 nadadores dos oito revezamentos ficaram concentrados em uma única sala, esperando a prova anterior terminar para que eles pudessem competir. Para alguns a iminência da decisão faz crescer a ansiedade, outros tentam intimidar os adversários com gritos e alongamentos exagerados. Enquanto isso, Edvaldo Valério mentalizava sua prova e visualizava suas braçadas ao longo dos 100 metros. Antes de colocar o plano em prática, fez uma oração para manter a calma, e assim ele seguiu para o seu grande momento naquelas Olimpíadas.

Na raia 2 da piscina os brasileiros foram apresentados e como planejado poucas horas antes, Fernando Scherer foi o primeiro a cair na água. Xuxa melhorou seu tempo em relação à eliminatória e entregou o revezamento para Gustavo Borges na quinta posição, com pouco mais de meio segundo de distância para o pódio. Na condição de atleta mais experiente do grupo, Borges não decepcionou. Seus 48,62 segundos representaram a melhor parcial do quarteto naquela final. Mas quando Carlos Jayme pulou do bloco de partida, os dois nadadores mais renomados e experientes já estavam fora da disputa e o Brasil ainda ocupava a quarta posição. Valério não enxergava isso com muita preocupação. O fundamental era permanecer “no bolo”: “A gente sabia que Estados unidos e Austrália iam disparar, mas os outros estavam muito próximos”, explica.

Até Gustavo Borges completar sua perna da prova, o integrante baiano do revezamento podia acompanhar a prova e torcer – comedidamente – pelos seus companheiros. A partir do momento que os terceiros nadadores de cada equipe entraram na piscina, Valério se desligou, como ele próprio define. E tão desligado ele estava em cima do bloco de partida, que Fernando Scherer gritou no seu ouvido pouco antes de Carlos Jayme completar sua parcial, mas ele não conseguiu escutar o que foi dito.

Largando em quinto, Valério precisava ganhar duas posições para subir ao pódio. Para conseguir respirar durante a prova, ele tirava a cabeça da água virando o pescoço apenas para a direita. Dessa forma, durante os primeiros 50 metros ele sabia apenas que estava páreo a páreo com o sueco Johan Nystroem. Na virada para a metade final ele conseguiu visualizar todas as outras raias que estavam do seu outro lado, notou que estava perto dos concorrentes e teve a segurança para dizer a si próprio: “Ninguém me ganha mais! Ninguém me ganha mais! Tradicionalmente eu tinha um bom final de prova, era difícil me passar no fim”. A certeza só aumentou quando, faltando cerca de 25 metros, ele percebeu por baixo d’água que já estava em terceiro, e foi concretizada ao tocar a borda da piscina. Seus 100 metros demoraram 49,12 segundos e 3:17,40 depois de Fernando Scherer entrar na água, Edvaldo assegurou o bronze, deixando pra trás Suécia, Alemanha, França, Itália e até mesmo a Rússia, do ídolo Popov.

|  |
| --- |
| http://veja.abril.com.br/assets/images/2014/4/217880/Carlos-Jayme-Edvaldo-Valerio-Fernando-Scherer-e-Gustavo-Borges-bronze-em-Sidney-2000-size-620.jpg |
| *Com a medalha de bronze no peito, Edvaldo celebra o pódio olímpico em Sydney (Autor Desconhecido)* |

Alguns momentos antes, Gary Hall Jr e Ian Thorpe protagonizaram uma das disputas pelo ouro mais memoráveis daqueles Jogos Olímpicos, com o atleta da casa superando o adversário por 19 centésimos de segundo. E na linha de chegada estava escancarada a ironia do terceiro colocado que tem mais a festejar que o segundo. “Nós fomos os últimos a sair daquele Complexo Aquático. Fomos os quatro juntos para a Vila Olímpica e jantamos juntos naquele dia”, lembra Valério, que depois de viver um sonho, não conseguiu dormir na noite posterior à prova. Mesmo assim, ele tinha que acordar logo para as próximas competições.

Três dias depois do bronze, havia um novo revezamento pela frente, mas dessa vez sem nenhum dos companheiros que o acompanhou na conquista do terceiro lugar. No 4x200 nado livre ele foi o primeiro a cair na piscina, mas a equipe brasileira não conseguiu passar da fase eliminatória, ficando na 13ª posição. Em 21 de setembro, o Bala voltou ao Centro Aquático Internacional de Sydney para competir na sua única prova individual. Nos 50 metros livre, o tempo de 22,96 segundos não foi suficiente para classifica-lo para as semifinais e ele ficou na 23ª colocação.

Na volta para o Brasil, Valério viveu meses de estrela. A medalha dele foi a primeira vencida por um baiano em uma modalidade que não fosse o futebol desde 1948. Por isso, logo após os Jogos Olímpicos, veio uma onda de pedidos de entrevista por parte da imprensa, o nadador passou a atuar também fora das piscinas para dar palestras e suas viagens deixaram de ser apenas para treinar e competir, mas também para receber homenagens. Nunca o nome Edvaldo Valério havia sido tão falado.

Depois das Olimpíadas de Sydney, o nadador baiano ainda teve mais dois anos de patrocínio do Baneb, e nesse tempo ele pôde se dedicar apenas às suas obrigações como atleta. Mas quando seu vínculo com o banco se encerrou, ele passou a ter que enfrentar fortes adversários também fora das piscinas. Desde os 18 anos Valério tinha quem custeasse suas despesas ligadas a natação, mas agora precisava de outra empresa para cumprir esse papel e por isso ele teve que mudar de estado para dar sequência a sua carreira.

“Eu tive dificuldade por conta da realidade do esporte aqui na Bahia.”, reclama Edvaldo. “A gente tem muita dificuldade de apoiar nossos atletas. Ou eu continuava aqui e pagava para nadar ou eu saia, abria mão de tudo que eu tinha e tentava dar algum resultado expressivo em outro estado.” E assim ele começou sua peregrinação por clubes de outras regiões do País. Flamengo e Vasco, do Rio de Janeiro, Unisanta, de São Paulo, Grêmio Náutico União, do Rio Grande do Sul e Minas Tênis Clube, de Minas Gerais passaram pela vida dele. E apesar da distância da terra natal, Valério prefere ter esse período marcado pelo aprendizado e pelos amigos que fez.

Mesmo com um local para treinar, a busca de Edvaldo Valério por patrocinadores continuava. E com um novo ciclo Olímpico em andamento, a falta de apoio comprometia sua preparação com o objetivo de participar novamente da maior competição esportiva do mundo. Com 26 anos em 2004, ele ainda poderia estar no auge, mas os quatro anos que antecederam Atenas foram muito diferentes dos que antecederam Sydney: “Eu tinha idade suficiente para ter outra participação Olímpica, mas não fui por causa de desgaste na busca por patrocinador”, reclama o nadador. “Eu tive um até 2002 e desse ano até 2004 foi só tentando, tentando, tentando... Às vezes eu deixava de treinar para visitar empresa, pedir apoio e tudo isso me atrapalhou”.

Uma nova oportunidade de competir em Jogos Olímpicos não veio em 2004, nem 2008. Edvaldo Valério já tinha deixado o seu melhor nas piscinas e decidiu se aposentar em 2009. Mas o afastamento das competições como profissional não significa que ele tenha se afastado do esporte que o consagrou. O Bala ainda sustenta motivação para acordar cedo durante a semana e dar braçadas no bairro onde cresceu e aprendeu a gostar de natação: “a rotina de 30 anos você não deixa em um ou dois anos”, reconhece. Mas agora já não há mais a pressão das competições. A forma física obviamente não é mais a mesma de anos atrás e já não há mais preocupação em se livrar dos pelos do corpo, por isso o seu cabelo crespo já pode crescer com liberdade.

Seu grande objetivo depois de deixar de competir é ajudar a estimular em novos altetas o mesmo sentimento que ele tinha ao cair nas piscinas, sem que os jovens precisem ser campeões para isso: “quero despertar o interesse nas pessoas de aprender a nadar. É o que me satisfaz hoje”.

**Adriana Araújo**

|  |  |
| --- | --- |
| ☆ 04/11/1981 | Participação em Jogos Olímpicos: 2012 (bronze) |

A jovem Adriana Araújo começou tarde no boxe, mas desde que conheceu o esporte não economizou empenho nos treinos. Em 2001 ela tinha 20 anos e apenas há três havia calçado uma luva pela primeira vez. A intensa rotina fazia ela deixar os treinamentos tarde da noite e o caminho até onde ela morava, no bairro de Brotas, costumava ser facilitado pelas caronas do treinador Luiz Dórea. Com um dos currículos mais respeitados dentro da modalidade no Brasil, ele foi um dos primeiros a enxergar o potencial da pupila para estar entre as melhores do mundo. Em uma das vezes que deixou Adriana em casa depois do treino, aproveitou o calmo trajeto para revelar sua confiança e ficar marcado na vida da garota. Perto da meia-noite, quase ninguém estava nas ruas escuras para testemunhá-lo confidenciar: “Filha, eu estou lhe preparando para ser campeã do mundo, você vai ser campeã mundial".

Lutas se passaram, vitórias e derrotas aconteceram e esse momento não sai da cabeça de Adriana: “Essas palavras eu levo até hoje comigo”. Ela ainda não alcançou o título vislumbrado por seu treinador desde 2001, mas a partir de 2012 o boxe feminino passou a integrar a programação dos Jogos Olímpicos e na estreia do esporte a soteropolitana ficou em terceiro lugar. Ambiciosa, ela não se dá por satisfeita com o resultado alcançado em Londres, o mais marcante da sua carreira, e ainda deseja estar no degrau mais alto no pódio: “É esse sonho que me alimenta”.

O objetivo pode não ter sido plenamente alcançado, mas o seu bronze entrou para a história do esporte local de imediato. O pódio de Adriana foi o segundo de um boxeador brasileiro na história dos Jogos Olímpicos e o primeiro desde que Servílio de Oliveira também foi o terceiro colocado na Cidade do México, em 1968. O acaso ainda trabalhou em seu favor para que a sua medalha fosse a centésima do Brasil na história da maior competição esportiva do mundo.

Coincidências históricas orgulham, mas não satisfazem Adriana. A convicção da sua fala pode convencer facilmente de que ela ainda será a melhor lutadora do mundo na categoria até 60kg, na qual competiu durante toda a carreira. Mas é melhor não confundir confiança com soberba. A boxeadora sabe bem os obstáculos que teve que nocautear para chegar até o bronze na capital inglesa e treina incansavelmente para derrubar os que restam no ringue: “Quando a gente quer algo a gente tem que buscar. E é isso que eu estou fazendo”. Subir dois degraus talvez nunca tenha sido tão difícil, mas ela não vai desistir tão cedo do sonho.

O bairro de Cidade Nova guarda talvez o maior celeiro de lutadores para o Brasil. Quem anda pela Ladeira do Ypiranga mal pode desconfiar que em meio às casas simples das redondezas foram criados e ainda treinam alguns dos maiores campeões de boxe e MMA. Liderada por Luiz Dórea, a Academia Champion segue a tendência da vizinhança e não ostenta um terreno de grandes proporções ou uma estrutura tão rica quanto a sua importância para o esporte no País. Um único e estreito banheiro é compartilhado pelos atletas e usado como vestiário. O abafado salão onde acontecem os treinamentos costuma ser dividido por pelo menos dez lutadores ao mesmo tempo e entre eles se desenvolveu uma das primeiras mulheres a ganhar uma medalha no boxe feminino dos Jogos Olímpicos.

|  |
| --- |
| Adriana Araújo e Luiz Dórea (Foto: Ana Hissa / SporTV.com) |
| *Adriana Araújo ao lado do treinador Luiz Dórea na Academia Champion (Ana Hissa/SporTV.com)* |

O nome de Adriana Araújo é um dos que estão orgulhosamente pintados no topo das paredes da Champion. No salão onde ela treinou por anos e viu escritos os títulos de ídolos como Kelson Pinto e Acelino ‘Popó’ Freitas, agora ela também pode ler uma menção à sua medalha Olímpica de 2012 e espera que a conquista sirva de inspiração às crianças de Cidade Nova, que correm até a academia para ver os experientes boxeadores treinando.

Atualmente, Adriana já é uma das mais assediadas na Academia Champion e motivo de orgulho para Luiz Dórea: “Tenho um projeto chamado ‘Campeões da Vida e ela é uma campeã da vida. Eu quero pessoas como ela, que estão acostumadas às dificuldades e se superam”, elogia o treinador.

Luiz Dórea é lembrado por Adriana pelas palavras de confiança ditas ainda no início da carreira e tem a gratidão da boxeadora pelos ensinamentos passados numa relação que foi além da treinador-atleta. De 15 anos de boxe, em 14 ela foi lapidada por Dória, sendo a maior parte deles nas dependências da Academia Champion: “Se não fosse ele eu não seria a Adriana Araújo que eu sou, com grandes resultados. Tudo que eu aprendi foi ele que me ensinou. Foi ele quem se dispôs a me ajudar dia após dia, final de semana após final de semana. É um amigo, um treinador e um pai pra mim”.

Adriana era um espanto para o treinador quando ele a assistia lutando nos ringues. A evolução da garota de cabelo bem curto e sempre arrepiado foi muito rápida. Em pouco tempo ela passou a não encontrar mais adversárias do seu nível no seu estado natal. “Ela é muito forte para a categoria dela. Aqui na Bahia as meninas não costumavam nocautear como ela fazia. Ela tinha um poder nas mãos muito acima do normal”, lembra Luiz Dórea. A força de Adriana é compreendida ao notar a circunferência dos seus braços cobertos por tatuagens. A cada golpe lançado durante uma luta, os traços que desenham seus músculos ficam evidentes e castigam suas oponentes.

Dória era o treinador pessoal de Adriana, mas não era ele quem viajava com a seleção brasileira de boxe. Por isso nunca a acompanhou em competições internacionais, nem mesmo nos Jogos Olímpicos de 2012. Mas a atleta baiana não deixou de fazer parte da preparação visando o torneio em Londres na Ladeira do Ypiranga. Ela treinou por 25 dias em Salvador antes de embarcar para a Inglaterra, onde passou as últimas semanas antes de fazer as lutas mais importantes da carreira na cidade de Sheffield, com o objetivo de fazer a aclimatação.

A vaga foi conquistada pouco tempo antes da Olimpíada. Em maio de 2012 ela participou do Campeonato Mundial na cidade de Qinhuangdao, na China, e precisava ficar entre as oito melhores para competir em Londres em agosto. Após duas vitórias nas duas primeiras lutas, Adriana estava nas quartas de final do torneio e garantiu sua classificação. Com o primeiro objetivo alcançado, faltava realizar o sonho de ser a melhor do mundo na categoria Leve, mas ele foi adiado na luta seguinte, quando a russa Sofya Ochigava derrotou a baiana.

Na primeira vez em que mulheres puderam lutar boxe nos Jogos Olímpicos, Adriana Araújo era parte de uma novidade, mas estadia na Vila Olímpica a princípio não parecia nada diferente de qualquer outra importante competição internacional: “Como era minha primeira Olimpíada, eu não tinha noção do que era estar lá e representar o meu país”, conta Adriana. “Pra mim era como se fosse estar em um Pan-Americano ou Mundial. Pra mim pouco importava estar perto dos melhores atletas do mundo”.

Ela só pareceu não conseguir ignorar a pressão do torneio Olímpico durante sua estreia, na tarde do dia 5 de agosto de 2012. À medida que Adriana avançava no túnel que dava acesso ao ringue da arena ExCel, seus pulos e batidas no peito para manter o aquecimento ficavam mais agitados, mas no começo do combate a boxeadora do Cazaquistão Saida Khassenova era a mais intensa e terminou o primeiro dos quatro rounds de dois minutos com vantagem de 3 a 2. A brasileira ficava mais no centro do tablado e buscava atacar, mas diante de uma adversária difícil sua agressividade só foi recompensada no terceiro round. Depois de ficar em 4 a 4 no segundo, o placar de 4 a 2 virou a pontuação em favor de Adriana.

A lutadora de Salvador foi brilhante nos dois minutos finais, mas um erro bizarro quase custou a vitória. Com pouco mais de um minuto para o fim, Khassenova sentiu os golpes mais duros até então e o juiz interveio para abrir contagem contra a cazaque. No ringue, só Adriana não percebeu que a luta estava parada e atingiu a adversária mais três vezes com a guarda baixa. “Eu não ouvi o juiz falar 'stop'. Eu tinha entendido que ele tinha falado 'break'. Quando ele fala 'break' a gente para, dá um passo pra trás e volta a bater, e no 'stop' não. Infelizmente naquele momento ali eu confundi e graças a Deus, ele não me desclassificou”, lembra Adriana, descrevendo o momento que causou espanto na arquibancada. Enquanto o replay era exibido na arena em Londres, cada soco que acertou na asiática provocava um urro de espanto entre os espectadores.

O nervosismo rendeu dois pontos de graça para Khassenova e a brasileira sabia que precisava atacar e o fez muito bem. Em questão de segundos seus socos tiraram o equilíbrio da adversária, deixaram suas pernas tontas e faziam os socos dela passarem no vazio. Pela segunda vez o juiz abriu contagem contra a cazaque. Mais uma e Adriana seria declarada vencedora sem a necessidade da pontuação dos árbitros, mas a terceira intervenção não aconteceu e a dúvida permanecia na cabeça dela. O domínio teria sido suficiente para garantir a vitória? Um erro de concentração tiraria ela da disputa por medalha? Não. E ao ter o braço erguido pelo árbitro da luta no momento do anúncio do resultado ela revelou o alívio em ter superado aquele obstáculo. Socos e palavrões no ar, punho cerrado batendo no peito e uma das comemorações mais espontâneas que um atleta pode ter.

|  |
| --- |
| Adriana Araújo vence luta de boxe contra Saida Khassenova (Foto: Reuters) |
| *Em êxtase, Adriana comemora primeira vitória nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012 (Reuters)* |

No boxe não há um combate pela disputa do terceiro lugar, por isso as duas atletas derrotadas nas semifinais ganham o bronze. Adriana então já sabia que uma nova vitória na tarde seguinte, pelas quartas de final, já a garantiria uma medalha no seu peito. Contra Mahjouba Oubtil, do Marrocos, a ordem era evitar a tensão da estreia: “Na segunda luta eu estava mais tranquila. Eu já tinha lutado contra essa menina e conhecia o boxe dela”.

Oubtil era mais alta e desferiu fortes golpes de forma incansável, mas a maioria deles parava na guarda de Araújo. A brasileira contra-atacava com precisão e atingia o rosto da adversária. Um belo *jab* já no segundo round jogou a marroquina nas cordas e ao final de quatro minutos de combate Adriana via sua vantagem refletida no placar parcial: 7 a 4.

“Não deixa ela crescer”, “fechada e respondendo”, “mão dura!”, ouviu Adriana no seu *corner* no intervalo antes do terceiro round. Oubtil sabia que estava perdendo. Ela encontrou mais espaços na guarda de Adriana e diminuiu a vantagem em um ponto. Mas nos dois minutos finais a baiana voltou a contra-atacar bem e não deu chances para a adversária. Assim como na primeira luta, ela ergueu os braços e cantou vitória quando o gongo soou pela última vez. Dessa vez, no entanto, ela estava convicta da vitória e ao ter o braço erguido pelo juiz, estava garantido um lugar no pódio Olímpico.

No dia 8 de agosto Adriana Araújo retornou para a arena ExCel mirando uma final e a revanche contra Sofya Ochigava, seu algoz no Campeonato Mundial que aconteceu poucos meses antes. O ritual das lutas anteriores foi religiosamente mantido, baseado na concentração e na oração que a iluminavam pelo túnel escuro que levava ao tablado: “Eu me lembro como hoje. Eu procurava não olhar para arquibancada, para o público e pensando em vencer ali em cima do ringue. É um momento único”.

Não dá para dizer que Adriana estava tensa. Em questão de segundos para o fim do primeiro round, socos voaram dos dois lados, mas eles só encontraram o vento e a baiana reagiu à cena com um sorriso. O empate em 3 a 3 permitiu ao seu corner aconselhar a lutadora a manter o mesmo ritmo, mas sua intensidade só aumentou.

A partir de então foram poucos os momentos em que Ochigava conseguiu respirar. A velocidade dos braços da soteropolitana impôs um castigo forte à adversária. Nem parecia que era ela a atual vice-campeã mundial da categoria, mas o placar apontava 8 a 6 contra a brasileira. “Quando eu estava no corner depois do segundo round o treinador falou que ela estava acima e eu respondi: ‘Pô, como ela está acima? Eu que estou golpeando nela’”, desabafou Adriana.

Nos dois minutos seguintes a superioridade continuou. Direita e esquerda se alternavam no rosto da russa. Apesar de não acusar os golpes, ela tinha problemas para dar o troco na medida certa. Com as duas de volta para o corner, outra surpresa: a vantagem da europeia havia aumentado dois pontos. “Como pode estar 13 a 9 a favor de Ochigava?”, disse surpresa a comentarista Lucy O'Connor durante a transmissão da BBC. A liderança permitiu a russa ser mais cautelosa no quarto round e ampliar em mais dois pontos a diferença no placar, que terminou 17 a 11. “Eu sabia que poderia acontecer isso porque o nome dela pesava muito na Europa. Pra levar aquela luta eu tinha que bater muito ou ganhar por nocaute. No Mundial eu realmente perdi pra ela, nas Olimpíadas não”, lamenta Adriana.

A participação de Adriana Araújo nos Jogos Olímpicos a deixou orgulhosa pela medalha de bronze, mas com o gosto amargo de perceber que poderia ter ido além. Para ela, até mesmo a irlandesa Katie Taylor - quatro vezes campeã mundial da categoria até 60kg e talvez o maior ícone do boxe feminino da atualidade - seria uma adversária ao seu nível naqueles Jogos Olímpicos. Não fosse a contestada arbitragem da semifinal, a baiana teria a chance de tirar o ouro das mãos de Taylor em Londres, tarefa que Ochigava não conseguiu cumprir.

Adriana não tinha ideia da grandeza da competição que ela fazia parte quando chegou em Londres, e também demorou para ter noção do que havia conquistado depois de voltar para o Brasil. Por alguns meses, a medalha de bronze parecia só mais uma para a já extensa coleção: “Foi muita coisa pra uma pessoa só. Pra mim foi muita felicidade saber que tudo aquilo que eu plantei na minha vida, tudo aquilo que eu abri mão veio dobrado”.

A lutadora baiana acredita que apenas quatro meses depois de subir ao pódio Olímpico começou a se tocar que o seu desempenho havia ficado para a história, mesmo sem a medalha de ouro. Nunca ela havia sido tão solicitada para conceder entrevistas e entrar na internet não era a mesma coisa agora que seu nome estava em todos os lugares: “Muito jornalista chegou pra mim perguntando 'Você tem noção do que você fez?' e eu 'Po cara, não sei ainda'”.

O que ela fez nenhum brasileiro havia alcançado nas dez edições de Jogos Olímpicos desde que Servílio de Oliveira ganhou a sua medalha de bronze em 1968. Dias depois do terceiro lugar no feminino, o capixaba Esquiva Falcão Florentino também se juntou ao seleto grupo. Ele ainda foi um degrau além dos outros dois boxeadores ao receber a medalha de prata na categoria dos Médios, até 75kg.

O medalhista pioneiro no boxe olímpico do Brasil e a responsável por quebrar a hegemonia não perderam chances para se encontrar e trocar elogios. Ele falou que jamais esperava que essa medalha viesse do boxe feminino, de uma mulher. “Ele esperava isso de um homem, mas me parabenizou pela garra, pela coragem e por ter conquistado esse pódio depois de 44 anos”, recorda Adriana.

Até poucos anos antes dos Jogos Olímpicos de Londres, no entanto, seria impensável Adriana Araújo conquistar a sua medalha de bronze. No início de 2007, quando tinha 26 anos, ela mal tinha certeza que faria da luta o seu ganha-pão. E apenas em agosto de 2009 o Comitê Olímpico Internacional homologou o boxe feminino como modalidade dos jogos, sendo que antes dessa decisão ele era o único esporte da programação Olímpica que contava apenas com uma categoria masculina, disputada initerruptamente desde 1920.

A baiana nem mesmo teve a chance de se dedicar ao boxe desde criança. Aliás, a luta não era o esporte favorito da adolescente Adriana, que seguia a tradição nacional e preferia controlar uma bola com os pés. Mas ela não conseguia conciliar a rotina de atleta com os estudos e deixou o futebol. A falta de uma atividade física não veio sem um preço para a medalhista olímpica, que engordou depois de sair do futebol e por isso conheceu o boxe: “A princípio era apenas por estética, mas eu aprendi rápido e fui gostando”. Gostou tanto que já não encontrou mais problemas em administrar as atividades como boxeadora e estudante.

A convite de uma amiga, Adriana começou no esporte apenas em 1999, aos 17 anos. E se há alguém na sua carreira como atleta a quem ela é tão grata quanto Luiz Dórea, essa pessoa é seu primeiro treinador, Rangel Almeida, que ensinou os fundamentos básicos da modalidade. Também foi através de Almeida que a boxeadora começou a disputar competições e conheceu a Academia Champion.

Os resultados no ringue não demoraram a aparecer e Adriana percebeu que poderia lutar de igual para igual com boxeadoras muito mais experientes. O Verão Vivo, torneio disputado na cidade de Recife em 2000, foi o primeiro que ela disputou fora da Bahia e a melhor memória dele não veio de uma vitória: “Eu estava lutando com uma das melhores lutadoras do Brasil, que era Simone Duarte. Infelizmente eu perdi, mas foi uma luta acirrada. Nessa época eu tinha apenas oito meses de boxe, eu não era campeã de nada ainda e ela era veterana, tinha seis anos de boxe e era campeã brasileira. Foi ali que eu acordei pra vida, abri a mente e passei a acreditar totalmente no meu potencial.”

Adriana seguiu evoluindo rapidamente no esporte e em poucos anos já era a melhor lutadora do Brasil no peso até 60kg, categoria que ela disputou durante toda carreira. Em 2003 ela teve seu primeiro título brasileiro, feito que ela repetiu outras sete vezes até os Jogos Olímpicos de Londres. Araújo também conseguiu ser dominante a nível continental e foi campeã pan-americana em sete oportunidades até 2012.

Nos Campeonatos Mundiais, disputados a cada dois anos, ela ainda não conseguiu ficar entre as quatro melhores, mas por duas vezes ficou perto de repetir seu resultado dos Jogos Olímpicos. Em 2008, quando a competição foi disputada na cidade de Ningbo, na China, a baiana foi eliminada após perder na primeira luta. Nas duas edições seguintes, ela caiu apenas nas quartas de final. Em 2010 ela não foi páreo para a irlandesa Katie Taylor e em 2012 Sofya Ochigava a derrotou.

Apesar do rápido sucesso no esporte, Adriana Araújo demorou para se dedicar exclusivamente ao esporte. Como o boxe feminino ainda não era olímpico, era difícil conseguir patrocinadores: “Não tinha recursos financeiros para sobreviver. Não dava”, recorda-se a atleta. “A gente tinha que custear nossas passagens e na maioria dos torneios internacionais. Até 2010 eu tinha que me virar para pagar. Não dava pra eu pensar em viver disso”.

Em 2006, Adriana já havia sido campeã brasileira três vezes, mas precisava conciliar treino e trabalho para se sustentar. Só a partir deste ano ela passou a receber apoio financeiro do Ministério do Esporte e naquele momento sua rotina pôde se voltar totalmente para os ringues e para o sonho de ser a melhor do mundo: “Eu recebia R$ 1,5 mil reais, que era um valor muito maior do que o do salário que eu recebia no meu trabalho e ali eu pensei em sobreviver do boxe, para manter resultados e continuar recebendo o Bolsa Atleta”.

O auge da carreira de Adriana foi sucedido pelo seu momento mais angustiante. Mais forte que Sofya Ochigava ou Katie Taylor, seu adversário agora era o presidente da Confederação Brasileira de Boxe (CBBoxe), que poderia derrotá-la sem calçar luvas. Ela e mais duas atletas que participaram dos Jogos Olímpicos foram afastadas da seleção brasileira em abril de 2013 e a baiana passou quase dois anos tendo a derrota na semifinal de Londres como sua última competição pelo País.

De um lado, o presidente Mauro José da Silva alegava que Adriana havia se apresentado acima do peso e que a comissão técnica da seleção brasileira pensava em boxeadoras mais jovens visando os Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro. A atleta baiana sempre negou veementemente as acusações e atribuía a exclusão da equipe nacional a uma perseguição por parte do dirigente da CBBoxe.

O impasse demorou a ser resolvido e à medida que a medalha de bronze ficava distante, mais a preparação de Adriana para conquistar resultados tão expressivos ficava prejudicada. “Foi um prejuízo emocional muito grande. Financeiramente ela perdeu muito dinheiro”, afirma Luiz Dórea, que também lembra de ver sua atleta triste pelo tempo afastada. Com pouco mais de dois anos para a maior competição esportiva já disputada no Brasil, o problema envolvendo uma das esperanças de pódio para o País precisou de intervenção de um órgão federal. A Secretaria Nacional de Alto Rendimento (Snear) do Ministério do Esporte organizou em fevereiro de 2014 um encontro de reconciliação entre a boxeadora e Mauro José da Silva.

Um acordo garantiu que Adriana voltaria a competir internacionalmente pela seleção brasileira e ela seria indicada para o Bolsa Pódio, benefício dado aos atletas com chances reais de ganhar uma medalha em 2016. “Voltei para onde nunca deveria ter saído”, comemora a boxeadora, que mesmo depois do encontro promovido pelo Ministério do Esporte, prefere não comentar sobre a polêmica e prefere se referir ao presidente da CBBoxe sem chamá-lo pelo nome.

O Campeonato Pan-Americano em setembro de 2014, no México, poderia ser apenas mais um na sua preparação para o Mundial e os Jogos Olímpicos, mas representou o retorno de Araújo às competições internacionais e a sensação de que seu sonho não seria interrompido de maneira arbitrária. O segundo lugar na competição disputada em setembro na cidade de Guadalajara certamente foi amenizado pela chance de lutar em alto nível novamente. Mas os dois anos fora da seleção podem ter feito a diferença no Campeonato Mundial realizado dois meses depois. Mais uma vez a russa Sofya Ochigava foi seu algoz, e ela foi derrotada ainda nas oitavas de final da competição.

Assim como Luiz Dórea percebeu ainda em 2001, Adriana Araújo é firme ao dizer que tem condições de ser a melhor do mundo. E ela espera ainda ter muitas chances para alcançar esse posto, já que a próxima edição dos Jogos Olímpicos será no país onde nasceu. A boxeadora terá 34 anos, mas idade não parece ser um problema: “Só não vou estar bem em 2016 se eu não me cuidar”. Para isso ela segue treinando incansavelmente e espera que seu esforço não demore a ser recompensado.

**As Pratas**

**Miraildes Maciel Mota – “Formiga”**

|  |  |
| --- | --- |
| ☆ 03/03/1978 | Participações em Jogos Olímpicos: 1996, 2000, 2004 (prata), 2008 (prata) e 2012 |

Quando perguntada sobre o seu primeiro contato com o futebol, Miraildes Maciel Mota não hesita em responder, em tom de brincadeira: “Eu comecei na barriga da minha mãe”. A frase poderia ser dita por qualquer jogador de futebol orgulhoso da profissão, mas se encaixa muito bem na mulher também conhecida como Formiga. Ela parece ter uma intimidade de nascença com a bola, que a faz jogar em alto nível mesmo com 36 anos. E ainda sem perspectiva para aposentadoria.

Não pense que a idade avançada de Formiga tem sido um obstáculo na sua carreira. Seu nome segue aparecendo para convocações da seleção brasileira, como se tornou um hábito desde 1995, quando ainda era uma moleca, como gosta de dizer. A longevidade vestindo a camisa amarela a fez viver momentos de ascensão e queda, ela passou de aconselhada a conselheira e nesse meio tempo quebrou marcas incríveis que a credenciam como uma das brasileiras com a história mais rica das Olimpíadas.

Não há competição de futebol feminino nos Jogos Olímpicos que Formiga não tenha jogado. Desde que a modalidade passou a fazer parte da programação, em 1996, ela participou de todas as edições e é a única jogadora no mundo que pode ser orgulhar de ter alcançado esse feito. Sua longevidade no esporte também contribuiu para que ela chegasse nas Olimpíadas de 2012 ao seu centésimo jogo pela seleção brasileira feminina.

Todos os recordes enobrecem o seu currículo, mas ela deixa claro que ficaria mais satisfeita caso a Confederação Brasileira de Futebol tivesse mais atenção com as mulheres. Uma das críticas mais ferrenhas da organização do esporte no País, Formiga prefere que sua história não se repita e as novas gerações de jogadoras não precisem driblar tantos problemas fora de campo para brilhar dentro deles: “Posso lhe garantir que troco todas essas marcas aí por um futebol feminino no Brasil mais unificado, mais organizado”.

|  |
| --- |
| Formiga - Brasil (Foto: Arquivo pessoal) |
| *Camisa da seleção é quase segunda pele de Formiga: são mais de 100 jogos pelo Brasil (Arquivo Pessoal)* |

Certa vez um torcedor se impressionou com o desempenho da ainda jovem Miraildes em um campo de terra em Salvador. Vendo aquela menina correr sem parar dentro de campo e defendendo com a mesma intensidade que atacava, ele teve certeza. Era uma formiga! Mas não uma formiga rainha, que ficaria esperando a bola chegar no ataque, e sim uma operária, que é capaz de carregar 100 vezes o peso do próprio corpo e aparecer em cada canto do gramado: “Confesso que no início não gostei muito não, mas agora está bem aceito, acho que caiu bem”, admite.

Formiga passou a aceitar o apelido porque percebia que ele a retratava bem na sua vida profissional e pessoal. Criada no bairro do Lobato, no subúrbio ferroviário de Salvador, ela cresceu perto do crime na infância, mas optou pelos campos de futebol de terra como diversão. “Ela tinha tudo para ir pro caminho do mal, porque o ambiente era propício pra isso na época, mas ela fez uma escolha diferente”, descreve Dilma Mendes, tutora de Formiga no esporte e que desenvolveu uma relação maternal com a jovem.

Antes do torcedor que chamou Miraildes de Formiga em uma arquibancada, foi Dilma Mendes quem viu potencial na menina e a acolheu em seu projeto social, que dava aulas de futebol para garotas. “Eu ia passando na estrada e como eu tinha curiosidade de parar pra ver todo baba, parei meu carro e vi que tinha uma menina jogando no meio dos meninos”, lembra a treinadora, que descobriu o talento do subúrbio ferroviário no final da década de 80.

Era uma época chuvosa do ano em Salvador. O campinho de terra que ficava ao lado de uma praça no Lobato só atraia seus jogadores mais dedicados, que precisavam driblar adversários e poças de água para chegar ao gol. Formiga já estava habituada com improvisos, evidentes nos pés descalços que tocavam a bola e nos pedaços de papelão que serviam de caneleira.

Não fosse a paixão de Dilma Mendes pelo futebol, ela passaria batida pelo jogo e não notaria a presença de sua aluna mais bem sucedida, ainda com menos de dez anos na época. Mas a partir do momento que ela se dispôs a descer do carro para assistir aquele jogo no campo de terra, a vida de Formiga mudou drasticamente: “Não sei se foram olhos de mãe ou olhos de técnica, mas a primeira impressão que eu tive dela foi muito boa”.

Logo depois do fim do baba, Dilma foi ao encontro de Formiga e convidou a garota para jogar com ela. Ainda no mesmo dia as duas foram conversar com a mãe da jovem atleta, que foi convencida pela treinadora de que o seu projeto social seria uma boa opção para a filha. A futura medalhista olímpica se juntou às outras meninas no alojamento da escolinha e deu início ao seu desenvolvimento no futebol.

A garra característica de Formiga dentro de campo tinha uma inspiração do futebol masculino. Dunga foi meio-campista e capitão da seleção brasileira durante a maior parte da década de 90, quando ela ainda era uma adolescente e se desenvolvia a habilidade com a bola nos pés. Ele era um jogador vibrante e conhecido pela sua marcação cerrada, algo que a jovem soteropolitana tentava imitar.

“Eu sempre gostava de ver os jogos da seleção e a raça dele era demais” recorda Formiga. “Ele nunca desistia das jogadas, sempre procurava estar liderando a equipe dentro de campo, tanto na seleção quanto no clube”. O que era visto em Dunga ela também tentava transmitir para suas companheiras durante os jogos: “Se eu fosse parada no meio de campo não ajudaria muito, mas graças a Deus eu tenho essa raça e posso contribuir com as meninas”.

Formiga nem pensava em se tornar uma jogadora profissional quando criança. Os jogos no campo de várzea no Lobato não passavam de uma diversão para a menina. Apesar de que em meio aos meninos ela já estava sendo preparada para os desafios que apareceriam adiante: “Eles me ajudaram a ser dura, levantar. Ficavam dizendo 'engole o choro, bora!'”.

Mas só quando entrou para o projeto social de Dilma Mendes, ela começou a ser moldada para se tornar um dos atletas do Brasil com mais participações em Jogos Olímpicos. Formiga começou a disputar campeonatos nacionais de futebol de salão e de campo. No início de 1995 ela mal era conhecida no País, mas pouco mais de um ano depois seu nome já estava na escalação titular da seleção brasileira. A ascensão meteórica aconteceu a partir do Campeonato Brasileiro Feminino de 1995. Ela foi um dos destaques da competição e aos 17 anos foi convocada para a seleção brasileira pela primeira vez: “Eu não imaginava que as coisas iam acontecer tão rápido pra mim. É claro que eu tinha esse desejo de chegar a ser titular e fazer história pela seleção brasileira e eu me surpreendi por ter acontecido rapidamente”.

No mesmo ano ela estava no grupo que disputou a Copa do Mundo na Suécia e as coincidências históricas com o maior jogador brasileiro em todos os tempos se tornaram motivo de brincadeira e empolgação entre as pessoas mais próximas de Formiga. Também aos 17 anos, o adolescente Pelé foi chamado para disputar a Copa do Mundo na Suécia, em 1958, dando início a uma das carreiras vencedoras com a camisa da seleção brasileira. “É a nossa Pelezinha”, diziam algumas amigas mais empolgadas da garota já em 1995.

Para uma menina tão nova, era normal não ser protagonista na sua primeira grande competição defendendo seu país. Na Copa do Mundo da Suécia, Formiga entrou em campo apenas duas vezes, em duas derrotas brasileiras. Na maior parte do tempo ela assistiu do banco de reservas a sua equipe ser eliminada da competição ainda na fase de grupos. Mas era de dentro do campo que a soteropolitana acompanharia a maior parte dos jogos da seleção brasileira dali em diante.

Nos Jogos Olímpicos de 1996, as mulheres pela primeira vez entravam em um campo de futebol. Assim como no caso dos homens e diferente de quase todas as outras modalidades, as partidas não são concentradas em uma cidade. Assim, o Brasil fez sua estreia na capital dos Estados Unidos, a mais de mil quilômetros de Atlanta, sede oficial daquelas Olimpíadas.

Formiga entrou no gramado do Estádio RFK, em Washington, sem sentir o peso da competição. Aos 18 anos, ela era pela primeira vez titular da seleção brasileira em uma grande competição e parecia que não se importava muito com o público de quase 46 mil pessoas nas arquibancadas: “Eu achava tudo uma maravilha, tudo legal, mas eu não sabia a sensação que seria disputar essa competição. Hoje eu percebo que isso é o auge da carreira de qualquer atleta”.

Naquele dia 21 de julho, o time brasileiro arrancou um empate por 2 a 2 contra a forte Noruega com um gol de Pretinha nos minutos finais. Mais um empate e uma vitória na primeira fase colocaram a equipe em uma semifinal contra a China. E foi aí que Formiga começou a tomar consciência de uma característica que separava as seleções tradicionais na modalidade do Brasil: a frieza.

Se no jogo de estreia o Brasil empatou com pouco tempo para o apito final, na partida que daria uma vaga na final foi a vez do adversário se recuperar nos minutos decisivos. Até os 35 do segundo tempo contra a China era o Brasil quem vencia por 2 a 1, mas dois gols chineses tiraram o time brasileiro do caminho do ouro e deixaram um gosto amargo. “É aquele velho cochilo que o futebol brasileiro tem”, desabafa Formiga com a expressão de quem já cansou dessas situações. “Relaxando nos últimos minutos, onde não se deve, sem ser frias como as outras”.

A derrota levou à disputa do terceiro lugar e a um novo encontro com a Noruega. Da segunda vez as europeias prevaleceram e deixaram Formiga de fora do pódio Olímpico em sua primeira participação na competição. A história se repetiu quatro anos depois, em Sydney, quando o Brasil perdeu na semifinal contra os Estados Unidos e a medalha de bronze para a Alemanha, restando a quarta posição.

O passo seguinte para a seleção feminina já havia sido dado na Copa do Mundo de 1999, quando o Brasil ficou na terceira posição, mas faltava a elas conseguir se consolidar como uma das melhores equipes do mundo e disputar finais. Para a meta ser alcançada em 2004, a preparação teve início seis meses antes dos Jogos Olímpicos de Atenas.

Formiga já era uma atleta experiente e peça fundamental dentro do time. A bagagem de três Copas do Mundo e dois Jogos Olímpicos ficava evidente para o treinador daquela seleção, Renê Simões, que já a reconhecia como uma das líderes do grupo. Em seu livro ‘O dia em que as mulheres viraram a cabeça dos homens’, ele também aponta a jogadora como uma das meio campistas mais inteligentes que ele já treinou em sua carreira de mais de 30 anos, incluindo homens.

A campanha brasileira em Atenas começou com duas vitórias e uma derrota na fase de grupos. A classificação para as quartas de final foi assegurada apenas na terceira partida, com uma goleada de 7 a 0 sobre a Grécia. O currículo de Formiga registra apenas três gols em Jogos Olímpicos e dois deles vieram contra o México, no jogo seguinte. Mais uma vitória fácil, dessa vez por 5 a 0, e o Brasil se encontrava novamente na fase que não conseguiu superar em 1996 e 2000.

O adversário seguinte era a Suécia, na cidade de Patras. O tenso duelo foi para o intervalo ainda em 0 a 0 e o gol de Pretinha aos 18 do segundo tempo foi o único até o apito final. Alívio e desabafo na forma de lágrimas estavam estampados no rosto das jogadoras, que haviam acabado de garantir a primeira medalha olímpica na história do futebol feminino do Brasil.

A final trouxe um adversário familiar para a seleção brasileira. Os Estados Unidos venceram a equipe de Formiga por 2 a 0 ainda na primeira fase e agora eram o último obstáculo para o ouro. Aos 38 minutos de jogo, Lindsay Tarpley acertou um belo chute de fora da área e abriu o placar para as americanas. Depois do intervalo, o Brasil foi muito superior no jogo, marcou o gol de empate com Pretinha e ficou muito perto da virada, mas o lugar mais alto no pódio foi decidido apenas na prorrogação.

“A gente era meio apavorada. Temos que aprender a ser frias, ter a calma que elas têm”, resume Formiga ao lembrar de mais uma vez que ela assistiu, de dentro do campo, a equipe brasileira ser superada nos momentos decisivos. Com menos de dez minutos para o fim da prorrogação, Abby Wambach marcou de cabeça para os Estados Unidos, deixando a medalha de prata para o Brasil.

Nos Jogos Olímpicos seguintes, em Pequim, a pressão estava acumulada nos ombros das meninas por uma medalha de ouro. Em 2007, a seleção brasileira havia superado o trauma americano com uma vitória por 4 a 1 na semifinal da Copa do Mundo, mas foi derrotada pela Alemanha na decisão. Um ano mais tarde Formiga novamente estava no grupo que tentava o primeiro lugar em uma grande competição do futebol feminino.

Na China, o Brasil também começou bem o torneio. Apesar do empate sem gols contra a Alemanha na primeira fase, a seleção brasileira se classificou em primeiro lugar de seu grupo, à frente das europeias.

Depois de vencer a Noruega por 3 a 1 nas quartas de final, estava marcado um novo encontro com o algoz da Copa do Mundo de 2007, dessa vez por uma vaga na decisão dos Jogos Olímpicos. Birgit Prinz marcou primeiro para as alemãs, mas Formiga, do centro da grande área, recebeu passe de Cristiane para empatar o jogo já no final do primeiro tempo. Êxtase para a soteropolitana em um de seus raros gols em competições internacionais. Após o intervalo veio o massacre brasileiro, que com mais três gols assegurou a chance de brigar pelo ouro olímpico pela segunda vez seguida.

Na final, as velhas conhecidas estavam de volta e para Formiga era quase questão de honra tirar o primeiro lugar dos Estados Unidos: “Elas acharam que eram imbatíveis, e isso deu mais força para tentar ganhar. A gente estava com sangue nos olhos”. Ela estava em campo quando o Brasil foi derrotado nos três duelos entre os países nos Jogos Olímpicos, por isso o sentimento de revanche estava ainda mais aflorado.

Pela segunda final olímpica seguida, o time campeão foi decidido na prorrogação. E novamente as mais frias e decisivas foram as americanas. Mesmo com roteiros tão parecidos, Formiga aponta a decisão de 2008 como a derrota mais dolorosa: “A gente queria muito aquilo e sabia que tinha condições de levar aquele título. E o time delas não estava tão bem quanto antes”, lembra a jogadora, que saiu do campo em Pequim com sua segunda medalha de prata.

A geração liderada por Formiga não viu uma medalha de ouro nas suas três finais mais importantes, mas fez um país torcer por elas em um esporte tradicionalmente masculino. Se as jogadoras da seleção brasileira um dia enfrentaram preconceito por jogar com a bola nos pés, as incríveis campanhas que levaram à prata deram o melhor argumento para as meninas que agora enfrentarem o machismo.

“É muito orgulho, muito orgulho mesmo, pelo que a gente tem aqui no país. Até hoje eu dou parabéns para as meninas” empolga-se Formiga, que se arrepia ao comentar o valor que têm as medalhas de prata para ela e para o esporte. Acima de tudo, ela era parte de uma equipe que fez os dirigentes olharem com mais carinho para o futebol feminino, permitindo que novos talentos não precisem sofrer tanto com a falta de times e campeonatos.

Em 2012, Formiga já era titular da seleção brasileira há quatro edições dos Jogos Olímpicos e sua experiência começou a render recordes impressionantes dentro do futebol feminino. Quando o árbitro deu o apito inicial para a estreia do Brasil na competição disputada no Reino Unido, ela se tornou a única mulher a disputar todos os torneios olímpicos da modalidade, desde 1996.

No duelo seguinte, ela voltou a fazer história. A partida contra a Nova Zelândia era a sua centésima vestindo a camisa da seleção brasileira. Ao todo, dos 26 jogos disputados pelo Brasil em Jogos Olímpicos, Formiga entrou no campo em 24 deles. Em mais da metade da sua vida, ela se acostumou a vestir uma camisa amarela para entrar em campo. Tamanha longevidade não pode ser explicada de outra forma, se não através da preparação física e cuidados com o corpo, o instrumento de trabalho de qualquer atleta: “Vou procurar sempre estar bem”.

As marcas pessoais conquistadas nos Jogos Olímpicos de Londres não valeram muita coisa quando o Brasil perdeu para o Japão por 2 a 0 nas quartas de final e se despediu do torneio pela primeira vez sem disputar ao menos a semifinal.

Em 16 anos, muita coisa mudou na vida de Formiga. A queda nas quartas de final de 2012 soava muito mais como uma decepção do que o quarto lugar de 1996 ou 2000, agora que havia duas medalhas de prata no meio do caminho. A geração da Grécia e da China elevou o respeito da seleção brasileira no futebol feminino, mas também entrega uma responsabilidade muito maior nos ombros das novas jogadoras, que precisam ter metas que vão além de apenas subir no pódio.

|  |
| --- |
| http://cdn.cbf.com.br/content/thumbs/974x0/201409/20140924192030_1.jpeg |
| *Agora capitã, é a vez de Formiga orientar as mais jovens na seleção brasileira (Rafael Ribeiro/CBF)* |

Formiga também não consegue esconder sua preocupação com as novas companheiras que chegam na seleção. Cada resposta que ela dá sobre o futuro da equipe esbarra sempre “nas meninas”. “Querendo ou não, sua responsabilidade dobra. Quando eu tinha 16, 17 anos eu era moleca e hoje tenho que estar atenta com as meninas que estão chegando”, reconhece a medalhista, que transformou totalmente o seu papel dentro do vestiário. Se em Atlanta, com 18 anos, ela era a mais jovem entre as convocadas, nos Jogos Olímpicos de Londres sua experiência representava conselhos valiosos para as jogadoras mais novas.

Como uma de suas últimas lições, Formiga espera passar para as companheiras de seleção um pouco da frieza que ela adquiriu ao longo da carreira. Justo aquela frieza que fez tanta falta nas finais olímpicas é o que a soteropolitana espera sobre às futuras gerações: “Eu às vezes digo para as meninas que eu não sou desse mundo, porque eu não consigo sentir muita emoção em certas coisas, eu não me abalo facilmente”.

Nascida em 1978, Formiga sabe que está perto de parar, mas ainda não marcou data para se despedir dos gramados. O sonho de um ouro olímpico é o que mais a motiva para seguir jogando e 2016 reserva uma ótima oportunidade, uma vez que os jogos serão disputados no Brasil. Mesmo à distância, Dilma Mendes ainda percebe a preocupação dela em seguir atuando em alto nível: “Quando o bicho pega a gente está se falando, quando tem uma lesão a gente conversa”.

A intensa rotina de treinos e jogos dificulta as visitas de Formiga ao seu estado natal. Desde que saiu da Bahia para jogar o Campeonato Brasileiro de 1995, ela nunca mais atuou por uma equipe baiana, mas isso não significa que ela esteja ausente do lugar onde cresceu. Assim como suas companheiras de vestiário, os jovens que hoje ocupam seu lugar como pupilos de Dilma Mendes também recebem palavras de estímulo da medalhista olímpica.

No início da década de 90, os ídolos das meninas apaixonadas por futebol eram todos homens. Afinal, quem assistia futebol feminino? Hoje a baiana pode se orgulhar não só dos seus recordes e das suas duas medalhas olímpicas, mas de ter se tornado um ícone da seleção brasileira, assim como outras companheiras das equipes de 2004 e 2008 a exemplo de Marta e Cristiane. As garotas não precisam mais de um Dunga para ter como exemplo de raça e dedicação. Elas agora têm Formiga para se espelhar.

**Fabiana Simões**

|  |  |
| --- | --- |
| ☆ 04/08/1989 | Participações em Jogos Olímpicos: 2008 (prata) e 2012 |

Em 2004, a seleção feminina de futebol teve sua melhor participação em uma edição de Jogos Olímpicos até então. Na final contra os Estados Unidos, no entanto, veio a dolorosa derrota na prorrogação que deixou as jogadoras do Brasil com a prata. Com 15 anos na época, a soteropolitana Fabiana Simões acompanhou a decisão da sua casa, no bairro de Mirante de Periperi, e assim como as jogadoras dentro do campo em Atenas, a jovem atleta chorou a oportunidade perdida de ficar com o ouro.

“Eu assistia elas em campo e pensava 'Puxa eu queria estar ali'”, lembra Fabiana. Na frente da televisão, ela sonhava em estar no mesmo campo que aquele time e disputar grandes títulos pelo futebol feminino. E não demorou muito para isso. De 2005 em diante, sua carreira cresceu de maneira incrível e em menos de quatro anos ela passou de torcedora para uma das 18 jogadoras convocadas para os Jogos Olímpicos de Pequim.

Dez jogadoras para quem ela torcia em 2004 foram suas companheiras de equipe quatro anos mais tarde. E assim como em Atenas, o Brasil tinha uma campanha quase perfeita até a final. Mais uma vez as americanas eram o último obstáculo para alcançar a medalha de ouro e de novo um gol na prorrogação adiou o sonho do título Olímpico. Dessa vez, Fabiana compartilhou a decepção dentro do campo e do vestiário brasileiro.

|  |
| --- |
| http://baianissimo.com.br/upload/images/sele%201.jpg |
| *Segunda a partir da direita, Fabiana lamenta medalha de prata na China, em 2008 (Autor Desconhecido)* |

Depois de Pequim, a jogadora baiana disputou outra Olimpíada e uma Copa do Mundo, e em nenhuma dessas competições – que são as mais importantes no futebol feminino e disputadas a cada quatro anos – ela chegou ao primeiro lugar com a seleção brasileira. Por isso ela ainda tem sede de um título de peso e espera que esse desejo não passe dos Jogos Olímpicos de 2016, quando as competições serão disputadas no Brasil e o fato de jogar em casa certamente dará um gosto especial à conquista.

Fabiana nasceu em agosto de 1989 e desde criança ela deixava claro que o futebol era sua atividade favorita. Ela começou jogando na escola aos sete anos e apesar do seu talento, a família não aceitava muito bem o fato de uma garota praticar um esporte tradicionalmente dominado por homens. “Minha mãe apoiava. Não gostava muito mas apoiava”, releva a jogadora. “Mas meu pai tinha um preconceito muito grande, dizia que futebol era pra homem e não queria que eu jogasse bola. Meus avós também não gostavam muito que eu jogasse bola. Mas eu nunca desisti porque era um sonho que eu tinha”.

O pai de Fabiana estava enganado ao dizer que futebol é um esporte para homem, mas em muitos momentos na vida da jovem atleta deve ter sido difícil ir de encontro com esse argumento. Nos oito anos em que treinou na capital baiana, nenhuma escolinha das qual ela fez parte tinha turmas apenas com meninas, por isso os treinamentos em meio aos garotos eram inevitáveis no começo da carreira: “Eu nunca atuei em Salvador com um time feminino. Eu tinha dificuldades por jogar só entre homens e nunca imaginei que o futebol fosse se tornar uma coisa séria. Não que eu não tivesse capacidade, mas sim por saber da pouca valorização do futebol feminino”.

Mas não foi o pouco incentivo recebido dentro de casa nem a falta de treinamentos com meninas que atrapalhou a rápida ascensão na carreira da futura medalhista olímpica. Um olheiro que estava em busca de jovens e promissores garotos encontrou uma talentosa Fabiana em meio aos homens e deu à garota de 15 anos a oportunidade de fazer um teste no América, clube do Rio de Janeiro.

Em gramados cariocas, Fabiana precisou de pouco tempo para impressionar. A peneira no América representava a primeira vez que ela jogava apenas com meninas e bastaram cerca de 10 minutos em campo para deixar o treinador satisfeito e garantir um lugar na equipe. Os elogios pela atuação chegaram a assustar a então adolescente: “Eu passei e logo depois do teste o treinador falou comigo que eu ia ser titular e que eu ia chegar na seleção brasileira”, revela Fabiana. “Eu perguntei pra ele se ele estava brincando e ele disse que era sério.”

A previsão feita pelo treinador do América era audaciosa, mas incrivelmente ela se confirmou em pouco tempo. O teste no Rio de Janeiro foi feito em janeiro de 2005 e ainda no primeiro semestre daquele ano Fabiana foi chamada para defender a seleção brasileira sub-20 em um torneio sul-americano.

Se praticar futebol já não era algo muito bem visto para uma mulher dentro da casa de Fabiana, mudar-se para outro estado para se dedicar ao esporte chocou a família dela: “Pro meu pai foi um baque muito grande pelo fato de eu ir novinha pro Rio de Janeiro sem eles”. A jovem jogadora só pôde dar continuidade à sua carreira porque uma amiga de sua mãe ofereceu um espaço na sua casa para ela morar: “como eu sempre fui esperta e minha mãe confiou em mim, ela disse que eu poderia ir e se as coisas não dessem certo as portas estariam abertas para eu voltar pra casa”. Para a sorte de Fabiana, ela não precisou voltar para Salvador lamentando não ter onde jogar, e a partir do Rio de Janeiro sua vida como atleta deu passos ainda maiores.

Assim como a despedida de sua cidade natal, a saída de Fabiana para o exterior também foi precoce. No ano seguinte à sua chegada no América, ela se transferiu para o Cepe Caxias, clube também do Rio de Janeiro. Ainda em 2007, então com 17 anos, foi a vez de atravessar o Oceano Atlântico. Suas boas atuações na seleção brasileira de base chamaram a atenção do Sporting Huelva, da Espanha, e ela não recusou o desafio de defender seu primeiro time longe do Brasil e viver na pequena cidade de Trigueros.

Mas a carreira de Fabiana como um todo foi marcada por idas e vindas do exterior. Clubes brasileiros e estrangeiros aparecem intercalados na lista de times que a jogadora baiana já vestiu a camisa. Como num cabo de guerra, os salários superiores e o maior apoio ao futebol da Europa e dos Estados Unidos puxam de um lado, enquanto a saudade de casa e da família forçam do outro. “Se o futebol feminino no Brasil fosse valorizado em questão financeira, eu jamais teria saído do país para buscar meus sonhos”, justifica, ao tentar explicar a mistura de sentimentos que envolvem essa decisão. “Mas não tem como abrir mão. Quando a gente vai lá pra fora às vezes a gente tem vontade de ficar mais lá, mas bate saudade e a gente retorna para passar um tempo aqui.”

Em 2008 o cabo de guerra a trouxe de volta ao Brasil para jogar pelo Corinthians, mas bastou ela se destacar nos Jogos Olímpicos de Pequim para tomar outro rumo. Em setembro do mesmo ano ela foi selecionada pelo Boston Breakers, dos Estados Unidos, para jogar na Women's Professional Soccer, principal liga do país na época e que atraiu outras medalhistas de prata pela seleção brasileira na China. Com menos de vinte anos de idade, a baiana já havia vestido a camisa de cinco clubes, sendo um da Espanha e outro americano.

Depois de uma breve passagem pelo Santos em 2011 o lado financeiro voltou a pesar, e no mesmo ano Fabiana foi atuar na Rússia pelo Rossiyanka. Apesar das diferentes culturas nos países onde ela viveu, a jogadora garante que não sentiu problemas na adaptação a cada mudança e a principal razão para seus retornos ao Brasil era a saudade. Já com o status de ser uma importante peça na seleção brasileira, ela foi contratada pelo São José em julho de 2013.

A pior situação pela qual a soteropolitana passou no exterior aconteceu após sua saída do clube do interior paulista. Em janeiro de 2014 ela e mais três compatriotas foram para Estocolmo jogar pelo Tyresö, onde já estava a também brasileira Marta. Fabiana assinou um contrato de dois anos mas não chegou a disputar sequer uma partida pelo time sueco: “eu cheguei lá eu estava com o passaporte vencido. Eu tirei o passaporte de emergência, entreguei pro clube, mas eles demoraram de tirar o visto e o clube faliu. Eu fiquei quatro meses lá sem jogar, recebendo salário atrasado, até que o Tyresö acabou”, relata Fabiana, que em seguida se transferiu para o Centro Olímpico, de São Paulo, para dar sequência a sua vida como atleta.

Ao atuar por seis clubes brasileiros, Fabiana também conhece bem os problemas de organização do futebol feminino no seu país natal. O pouco investimento e reconhecimento a desgastaram ao longo da carreira e ela lembra de como esses obstáculos a fizeram pensar em largar a vida de atleta: “a gente fica de saco cheio porque a gente faz tanta coisa pelo futebol feminino e não temos nada. Então às vezes dá vontade de desistir pela falta de apoio, mas por outro lado dá vontade de continuar sabendo que você está lutando pelos sonhos de outras jogadoras”. Apesar das decepções, ela também não desistiu de lutar pelos seus próprios sonhos e reconhece que a geração que conseguiu duas medalhas de prata em Jogos Olímpicos deu visibilidade para esses problemas e ao menos parte deles foram resolvidos: “ainda não é o ideal, mas hoje se uma menina sair de casa com 15 anos pra jogar bola ela tem uma estrutura bem melhor do que há dez, vinte anos atrás”.

Desde que foi convocada para a seleção brasileira pela primeira vez, Fabiana dificilmente deixou de vestir a tradicional camisa amarela. Ela foi chamada pela primeira vez no primeiro semestre de 2005, quando ainda jogava no América, e no time nacional ganhou o apelido de ‘Baiana’, nome que acabou adotando e se tornou quase oficial. Mas o momento em que Fabiana Baiana apresentou potencial para subir do time de base para o principal – e lá permanecer por anos – veio em 2006.

A Copa do Mundo sub-20 aconteceu na Rússia e ela foi uma das 23 convocadas para a competição. A campanha brasileira teve duas vitórias, três empates – um deles na disputa do terceiro lugar, que terminou com derrota do Brasil nos pênaltis – e uma derrota. O quarto lugar da seleção não foi empolgante, mas o futebol de Fabiana encheu os olhos. Ela foi titular nos seis jogos disputados e marcou dois gols, sendo um deles na vitória por 2 a 1 no jogo de quartas de final contra a Nigéria.

“Sem Marta, a habilidade e velocidade de Fabiana foram vitais”, destaca a página da Fifa dedicada ao torneio na internet, enaltecendo a adolescente de 17 anos que entrava em campo na Rússia contra adversárias até dois anos mais velhas. A entidade também elegeu a baiana como uma das melhores jogadoras da Copa do Mundo e o treinador da seleção brasileira, Jorge Barcellos, não podia deixar de valorizar o trabalho da sua atleta: “antes da competição terminar ele me chamou em um quarto, fez uma reunião comigo e mais cinco jogadoras pra falar que a gente ia subir para a seleção principal. Eu fiquei feliz, mas não anunciei nada, não falei para minha família, não disse para ninguém. Deixei isso guardado só pra mim porque eu só acredito nas coisas vendo, quando elas estão no papel. E quando saiu a convocação eu fiquei feliz e contei pra todo mundo que eu estava na seleção principal. Eu tinha 17 anos!”, recorda-se Fabiana. “Foi uma coisa muito valiosa e eu pensei 'agora que eu cheguei aqui vou fazer o máximo pra não sair mais'.”

Barcellos foi o treinador que acompanhou todo o início do desenvolvimento de Fabiana como atleta da seleção brasileira. Assim como a jogadora, ele subiu da seleção de base para treinar a principal e foi sob o seu comando que o Brasil ganhou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Pequim, dois anos depois da Copa do Mundo sub-20 na Rússia.

Se a primeira convocação para a seleção brasileira principal já foi especial, o chamado para defender a equipe nas Olimpíadas de Pequim em 2008 deixou Fabiana ainda mais feliz. A competição que ela assistiu de Salvador quatro anos antes agora teria ela dentro do estádio, como parte da equipe que tentaria conquistar a medalha de ouro.

Vindos de dois vices campeonatos nas duas maiores competições do futebol feminino – Jogos Olímpicos de 2004 e Copa do Mundo de 2007 – o Brasil novamente aparecia como um dos favoritos para ganhar o título. E a seleção começou sua caminhada na China pela cidade de Shenyang, no dia 6 de agosto, dois dias depois do aniversário de Fabiana, que completou 19 anos e era a segunda jogadora mais jovem do elenco.

Apesar de já aparecer com um futuro promissor, Fabiana não era titular daquele time. Ela jogou em alguns momentos da carreira como lateral direita, mas na seleção brasileira costumava ser usada como atacante, e nessa posição ela tinha uma forte concorrência dentro da equipe. “Eu estava num grupo que tinha Pretinha, Marta e Cristiane, mas eu sabia que o treinador tinha confiança em mim”, afirma Fabiana, citando jogadoras com largo currículo no futebol e que eram suas principais “adversárias” por uma vaga no ataque do Brasil naquela Olimpíada. “Eu sempre me dedicava para estar dentro do grupo e depois para ser do time titular e eu sabia que ia chegar lá através do meu trabalho”.

Para Fabiana, a sua pouca idade não é desculpa para não ter conquistado uma vaga entre as 11 atletas que começaram as partidas. Mas durante os quatro primeiros jogos que o Brasil fez na China, Baiana não pisou em campo nem por um minuto e sua rotina se resumia a sair do vestiário para sentar no banco de reservas e fazer o caminho contrário depois do apito final: “Por estar lá e fazer parte do grupo eu só estava satisfeita pela metade. Eu não estava totalmente satisfeita por não estar jogando”.

Na estreia, um reencontro com os algozes da Copa do Mundo de 2007. Cerca de um ano antes a Alemanha havia derrotado a seleção brasileira por 2 a 0 também na China, mas no primeiro jogo das Olimpíadas as equipes não saíram do 0 a 0. Na sequência, vitórias sobre a Coreia do Norte em Shenyang e contra a Nigéria em Pequim deixaram o Brasil em primeiro lugar do grupo.

As quartas de final reservavam um confronto com a Noruega, dona de títulos Olímpicos em 1996 e 2000, além de uma Copa do Mundo em 1995. Mas o Brasil mostrou que havia alcançado e superado o nível das tradicionais rivais norueguesas nos últimos anos e venceu o jogo por 2 a 1.

No jogo que valeria uma vaga na decisão Olímpica, as alemãs estavam de volta. A semifinal foi disputada em Xangai, mesma cidade onde em 2007 o Brasil saiu derrotado e com o segundo lugar da Copa do Mundo, mas em 2008 o resultado foi muito diferente. Em uma das maiores atuações da geração liderada por Marta, a Alemanha foi goleada por 4 a 1. Mais especial que o resultado para Fabiana foi finalmente poder entrar em campo no torneio. Aos 41 minutos do segundo tempo todos os gols já haviam sido marcados e o jogo estava decidido em favor do Brasil, mas para ela em particular ainda havia muita coisa para disputar nos poucos minutos que restavam: “Eu queria mostrar pra ele [Barcellos] que eu tinha capacidade e que ele podia confiar em mim”, explica a jogadora.

Três dias depois, Brasil e Estados Unidos entraram em campo no Estádio dos Trabalhadores, em Pequim, para reeditar a final da última edição dos Jogos Olímpicos. Às 10h, os brasileiros ainda começaram seu dia quando a bola começou a rolar na noite chinesa. Fabiana mais uma vez não começou o jogo entre as titulares e quanto mais tempo o 0 a 0 persistia no placar, mais ela ficava ansiosa no banco de reservas e desejava uma chance de entrar na partida. Aos 32 minutos do segundo tempo ela apareceu. “Eu já estava querendo muito entrar no jogo, muito mesmo. Eu sabia que o jogo estava zero a zero e que ele ia precisar de uma atacante”, lembra Baiana, que a princípio teria cerca de 15 minutos para dar sua contribuição, mas sem nenhum gol marcado ela teve mais meia hora de prorrogação em campo.

“Eu sou uma jogadora de muita velocidade, então eu lembro que toda vez que eu pegava na bola eu queria resolver, queria chamar a responsabilidade”, relata Fabiana. “E estava dando certo, eu estava conseguindo ganhar na velocidade, ganhar na força”. Mas nem todo esforço dela foi suficiente para fazer o Brasil marcar um gol lá na frente ou evitar o gol da americana Carli Lloyd lá atrás aos cinco minutos do tempo extra. A seleção brasileira ainda teve chances de empatar, mas o roteiro de 2004 se repetiu e o ouro escapou novamente na prorrogação. “Foi um baque muito grande porque a gente sabia que tinha capacidade de ganhar. Eu fiquei muito sentida por ser minha primeira Olimpíada, pensando na valorização do futebol feminino. Por um lado pelo menos eu fiquei feliz por saber que a gente tinha dado o nosso melhor. Quem viu o jogo sabe que não faltou raça, não faltou vontade”, consola-se a baiana.

Pelo menos os minutos jogados durante os Jogos Olímpicos foram importantes para chamar atenção de alguns de seus adversários naquele dia 21 de agosto. Para Fabiana, sua participação no torneio foi o que fez o Boston Breakers a selecionar logo no mês seguinte para atuar nos Estados Unidos. Desde 2008, Fabiana amadureceu e ganhou espaço dentro da seleção brasileira, mas ainda não teve chance de disputar outra decisão de nível mundial.

Na Copa do Mundo de 2011, ela não ficava a maior parte dos jogos sentada no banco de reservas torcendo para ter a chance de entrar em campo. No torneio disputado na Alemanha, ela sempre esteve entre as titulares, mas daquela vez a caminhada do Brasil não foi muito longa.

|  |
| --- |
|  |
| *Com a camisa 14 da seleção brasileira, Fabiana joga na Copa do Mundo de 2011 (Getty Images)* |

A primeira fase foi tranquila, com três vitórias em três partidas e o primeiro lugar no grupo, mas em seguida as quartas de final reservavam ninguém menos que os Estados Unidos. As derrotas de 2004 e 2008 ainda estavam frescas na memória das jogadoras e logo aos dois minutos de jogo elas voltaram à tona quando Daiane marcou um gol contra. Já no segundo tempo Rachel Buehler foi expulsa e com uma atleta a mais o Brasil conseguiu o empate. Veio a temida prorrogação e Marta marcou seu segundo gol na partida nos momentos iniciais do tempo extra, dando a impressão que o final da história seria diferente dessa vez. Mas milagrosamente Abby Wambach cabeceou pro gol segundos antes do árbitro dar o apito final e depois dos pênaltis só as americanas festejaram. Era praticamente o mesmo roteiro de sempre e dessa vez com contornos tão mais dramáticos que poderia facilmente inspirar uma história exaltando o heroísmo e o patriotismo americano.

Nas Olimpíadas de Londres, em 2012, o Brasil também se despediu antes das partidas que decidiam medalhas. Nas quartas de final a seleção brasileira perdeu para o Japão – que terminaria com a medalha de ouro – por 2 a 0. Dessa vez com 22 anos, Fabiana tirou vantagem da sua versatilidade e jogou os quatro jogos da campanha como lateral direita titular. Mas estar na escalação inicial da equipe não deixou a baiana mais satisfeita com sua participação na Inglaterra: “eu acho que a sensação da Olimpíada de Londres foi pior por estar jogando, por você ser titular, por sair nas quartas de final e por saber que o futebol feminino precisa de uma medalha”, compara a jogadora com os Jogos Olímpicos de 2008.

Com o passar dos anos, a atleta que cresceu no bairro de Mirante de Periperi ganha experiência e busca mais protagonismo dentro da seleção brasileira. Como aconteceu no Torneio Internacional Cidade de São Paulo de 2012, cerca de quatro meses depois dos Jogos Olímpicos de Londres. Ela marcou dois gols, sofreu um pênalti na final e saiu como uma das principais – se não a principal – jogadora da equipe na campanha.

As expectativas de Fabiana agora miram 2016, quando os Jogos Olímpicos acontecem no Rio de Janeiro e pela primeira vez ela terá a chance de disputar uma importante competição no seu país natal, já que ela não esteve no elenco que disputou e venceu os Jogos Pan-Americanos 2007, também na capital carioca. No entanto, uma peculiaridade do torneio Olímpico de futebol pode fazer a baiana se sentir ainda mais em casa. São Paulo, Belo Horizonte, Brasília e Salvador também serão sedes da competição e uma caminhada em busca da medalha de ouro pode passar pelo gramado da Fonte Nova, a poucos quilômetros de onde a jogadora da seleção brasileira nasceu e cresceu.

Tudo aconteceu muito rápido na carreira de Fabiana. Despediu-se de casa aos 15 anos, foi para o exterior aos 17, e com 19 já conquistou sua primeira medalha Olímpica. Mas agora a pressa é por finalmente conquistar uma medalha de ouro, e os Jogos Olímpicos de 2016 parecem uma ótima oportunidade para isso: “não é porque eu tenho 25 anos que eu estou satisfeita com o que eu conquistei até hoje. Se eu conseguir ganhar um ouro em uma Olimpíada ou Copa do Mundo, eu trocaria essas duas Olimpíadas que eu participei por essa medalha. O futebol feminino precisa muito disso.”

**O Ouro**

**Ricardo Alex Santos**

|  |  |
| --- | --- |
| ☆ 06/01/1975 | Participações em Jogos Olímpicos: 2000 (prata), 2004 (ouro), 2008 (bronze) e 2012 |

As arquibancadas seguem de pé e a areia ainda cobre a maior parte do chão, mas o cenário pouco lembra que há dez anos aquele foi o palco das finais do vôlei de praia nos Jogos Olímpicos de Atenas. Abandonado, o mato já cresceu e começa a tomar conta do terreno na região de Faliro. No portão de acesso à arena, o lixo está acumulado no entorno de uma grade de ferro.

No entanto, na mente de Ricardo Alex Santos ainda estão bem preservados os momentos que ele viveu no local na noite de 25 de agosto de 2004. Naquela noite as arquibancadas estavam cheias de torcedores, entre eles brasileiros vestidos de amarelo que se faziam ouvir gritando o nome do jogador e seu parceiro Emanuel Rêgo. Ao derrotar os espanhóis Bosma e Herrera, eles haviam acabado de conquistar uma medalha de ouro olímpica e o topo do mundo no vôlei de praia.

A organização dos Jogos Olímpicos de Atenas não soube preservar as instalações criadas para o torneio em 2004, mas para a história não importa a ação do tempo. A conquista de Ricardo seguirá marcada como a primeira vez que um atleta nascido na Bahia subiu no lugar mais alto do pódio olímpico. Sua prata em 2000 e o bronze em 2012 também o credenciam como o baiano que mais recebeu medalhas na carreira.

Uma das maiores honras de sua carreira, no entanto, nem aconteceu durante uma competição. Em fevereiro de 2005, Ricardo foi incluído pelo Comitê Olímpico Internacional em uma lista seleta de pouco mais de 300 atletas e nomeado um herói olímpico, ao lado dos maiores nomes do esporte desde a primeira edição do evento, em 1896, na Grécia.

Apesar de Salvador ser a cidade natal de Ricardo, João Pessoa também pode reivindicar um pedaço dessas três medalhas na areia. Desde que ele começou sua primeira parceria de sucesso no esporte, com o paraibano Zé Marco, ele adotou a capital nordestina como local para treinamentos e segunda casa. Dois lares que cumpriram seu papel no crescimento de um dos maiores jogadores de vôlei de praia da história.

O baiano Paulo Moreira da Costa, mais conhecido como Paulão, formou uma das parcerias mais vitoriosas do vôlei de praia brasileiro nos anos 90. Ao lado de Paulo Emílio, ele teve destaque em uma época que a modalidade ainda engatinhava no planeta. A dupla participou dos Jogos Olímpicos de 1992, em Barcelona, quando o esporte entrou no programa apenas para exibição.

Nos treinos de Paulão em Salvador havia sempre um primo por perto que usava o trabalho de gandula como desculpa para estar perto daquele esporte. A cada bola que o garoto Ricardo Alex Santos corria para buscar na areia, era uma chance de aprender um pouco mais sobre o vôlei de praia. Assim nasceu um dos grandes atletas brasileiros do início do século XXI, que passou a fazer os adversários correrem atrás de ataques indefensáveis do outro lado da rede.

Apesar de ter conquistado tantos títulos na carreira, Ricardo é uma pessoa que prefere não ter os holofotes nele. “Simples e tímido”, assim o treinador Gilmário Ricarte, mais conhecido como Cajá, consegue definir o jogador. Em entrevistas ao lado de seus parceiros no vôlei de praia, o baiano costuma ser quem menos aparece. “Ele parece ser uma pessoa fechada, mas é porque ele é uma pessoa calada mesmo. Não nada de arrogância”, explica Cajá, entre elogios ao atleta que é seu pupilo desde que ele chegou na Paraíba, no final da década de 90.

A pele morena não nega que Ricardo tenha uma rotina diretamente ligada com a praia. Do alto de seus dois metros de altura, ele já frustrou os ataques de muitos adversários na rede de vôlei. Sua capacidade de subir mais alto e bloquear o rendeu os apelidos de *block machine* (máquina de bloquear) no exterior e muralha no Brasil. O que mais impressionava na sua capacidade física, no entanto, era a capacidade de se movimentar com facilidade pela quadra e alcançar bolas que seriam impossíveis para outros jogadores com a mesma envergadura.

No final da década de 90, Ricardo ainda era um raro exemplo de atleta que seguia direto para o vôlei de praia, sem passar antes pela quadra, o que o ajudou a ter uma rápida ascensão no esporte. Em mais de 15 anos de carreira, ele sempre conseguiu se manter no topo, não importa qual parceiro estivesse ao seu lado, mas no final de 2002 ele encontrou a peça perfeita para o quebra-cabeça do seu jogo.

O curitibano Emanuel Rego já havia conquistado dois títulos do Circuito Mundial, mas ainda lhe faltava uma boa campanha em Jogos Olímpicos quando se juntou à Ricardo. Cerca de dez centímetros mais baixo e exímio defensor, as suas características se encaixavam bem com o parceiro de mais de dois metros de altura e com capacidade impressionante no bloqueio. Mas pouco isso pouco adiantaria se os dois não compartilhassem o desejo por vencer em qualquer situação: “Eram atletas com características completamente diferenciados, mas nesse ponto eles se completavam”, lembra Cajá.

A dupla foi campeã 44 vezes e se firmou como a melhor do mundo na primeira década do século XXI. Em 2003 eles disputaram sua primeira temporada completa juntos e conquistaram também o primeiro título do Circuito Mundial, o que se repetiu nos quatro anos seguintes.

A história vitoriosa de Ricardo começou ainda antes de Emanuel aparecer ao seu lado. Em 1998 ele recebeu um convite do paraibano Zé Marco para formar dupla com ele. Ao deixar os treinos na sua cidade natal, João Pessoa apareceu na sua vida e lá causou ótima primeira impressão. “Quando percebi que ele seria um atleta de alto nível? Desde que eu encontrei com ele”, garante Cajá.

O garoto de 23 anos, no entanto, não chegou pronto na Paraíba. O cabelo longo – mas que religiosamente era aparado antes de passar da altura do pescoço – sempre o acompanhou, mas os braços finos não podiam fazer mais parte do seu visual. Para aumentar a capacidade física do atleta, ele passou por uma dieta que o fez ganhar aproximadamente 20 quilos, transformando-o no gigante que o público brasileiro passou a conhecer a partir da parceria com Zé Marco.

Lado a lado, os nordestinos tiveram um ótimo começo de parceria, vencendo títulos logo no primeiro ano juntos. Em 2000 eles venceram cinco de 15 etapas e foram campeões do Circuito Mundial de vôlei de praia, o que os credenciou como favoritos para ganhar o ouro nos Jogos Olímpicos de Sydney, no mesmo ano.

No torneio na Austrália, eles chegaram até a final e na disputa pelo primeiro lugar enfrentariam os desconhecidos Blanton e Fonoimoana, dos Estados Unidos. A frustração brasileira teve início quando os americanos venceram a primeira parcial por 12 a 11 após salvarem quatro *set points*. Depois da virada, Ricardo e Zé Marco se abateram e não conseguiram mais ficar na frente no placar. A medalha de prata inicialmente foi encarada como um fracasso pela imprensa do Brasil, mas aquele era apenas o início da trajetória vitoriosa do jogador baiano.

A temporada de 2000 também foi o último ao lado de Zé Marco. Para os dois anos seguintes, ele teve Loiola como parceiro e os resultados com o capixaba continuaram a aparecer. Mas já no final de 2002, os caminhos de Ricardo e Emanuel começaram a se cruzar. Os dois já haviam passado pelas mãos de Cajá e o treinador foi uma das pessoas que intermediou o encontro entre os dois, fazendo nascer a parceria que ficou marcada na cabeça dos torcedores brasileiros. Nos sete anos seguintes, ficou impossível dizer o nome de um sem emendar o do outro.

Ricardo e Emanuel chegaram com o peso do favoritismo em Atenas. Campeões do Campeonato Mundial – disputado a cada dois anos – no ano anterior e do Circuito Mundial em 2003 e 2004, eles formavam a dupla a ser batida e contavam com uma estrutura que os permitia sonhar alto. A Confederação Brasileira de Vôlei preparou um centro de treinamento especial para os brasileiros treinarem em uma praia da capital grega. Limitados a uma hora de treino no local dos jogos, no complexo esportivo de Faliro, eles podiam recorrer ao espaço exclusivo para dedicar mais tempo à preparação para o torneio olímpico.

O início da campanha correspondeu às expectativas. Apesar de perder um set na estreia, os brasileiros venceram os três jogos da fase de grupos e avançaram com facilidade para as oitavas de final. A vitória seguinte, contra uma dupla da Noruega, representou a quebra de um tabu para Emanuel. Apesar de seus seis títulos do Circuito Mundial no currículo, nas duas últimas edições de Jogos Olímpicos ele havia caído exatamente nesta fase, mas com Ricardo manteve as esperanças de conquistar uma medalha.

O treinador da dupla, Gilmário Ricarte, acompanhava de perto os jogos. Da arquibancada em Atenas ele costumava segurar um jacaré de borracha que servia como amuleto da sorte. Cada vez que o placar estava apertado para seus pupilos, ele apertava o brinquedo. Até aquele momento do torneio, no entanto, o jacaré ainda havia sofrido pouco. Ricardo e Emanuel conseguiram outra vitória por 2 sets a 0 nas quartas de final e faziam jus ao favoritismo do início da competição.

No jogo que garantiria a presença no pódio para a dupla do Brasil veio o duelo mais difícil. “Naquele dia apertei o jacaré desde o início”, brinca Cajá, que ficou aliviado com a vitória por 21 a 14 no primeiro set contra os suíços Heuscher e Kobel. Mas dali em diante o jogo ganhou contornos dramáticos. Os brasileiros desperdiçavam contra ataques e foram derrotados na segunda parcial: 21 a 19. No *tie-break*, o set decisivo, o placar esteve apertado, mas um bloqueio de Emanuel fechou a partida em 15 a 12 e os colocou mais próximos do ouro.

Os espanhóis Javier Bosma e Pablo Herrera fizeram boa campanha nas areias gregas até então, mas não foram páreo para os melhores do mundo. O único momento do jogo em que o placar esteve empatado foi no 0 a 0 do início de cada parcial. Ricardo havia sofrido uma torção no tornozelo e os adversários buscaram sacar nele para explorar o problema físico, mas a estratégia não deu nada certo. Inspirado, o baiano castigou a quadra adversária, ataque após ataque. No ponto decisivo, bastou jeito e técnica. Com um toque de leve para escapar do bloqueio, a bola caiu sem chance de defesa: 2 sets a 0 e o topo do mundo para os brasileiros.

A melhor dupla do mundo comprovava seu favoritismo e Ricardo finalmente buscou o ouro que lhe escapou por muito pouco em 2000. Na comemoração, os braços encontraram o treinador Cajá e o restante da delegação brasileira na arquibancada, e através das câmeras de televisão foram endereçados os beijos para a família no Brasil. Agradecimentos para as pessoas que mais contribuíram na trajetória do jogador.

Durante a premiação, Ricardo e Emanuel estavam no ponto mais alto do pódio, mas reconheceram a grandiosidade do momento e receberam de joelhos a medalha de ouro. Era a primeira vez que um atleta nascido na Bahia cumpria esse ritual e podia naquele momento entoar os versos “Ouviram do Ipiranga às margens plácidas...”.

|  |
| --- |
| http://imguol.com/2012/05/30/emanuel-e-e-ricardo-comemoram-a-conquista-da-medalha-de-ouro-nos-jogos-olimpicos-de-atenas-2004-1338410881845_1920x1080.jpg |
| *Emanuel e Ricardo beijam medalha de ouro conquistada na Grécia, em 2004 (AP Photo/Dave Martin)* |

O sucesso olímpico trouxe resultados ainda melhores para a dupla, que foi campeã do Circuito Mundial outras três vezes, garantindo o título em cinco anos consecutivos (de 2003 a 2007). Para Ricardo também foi um momento de ascensão individual. Em 2005 e 2007 ele foi eleito pela Federação Internacional de Vôlei como o melhor jogador do mundo. Era o ponto mais alto da carreira do soteropolitano, que se no início da sua vida no esporte tinha o primo como inspiração, agora era o exemplo para novos atletas.

Em 2008, os brasileiros chegaram a Pequim mais uma vez como favoritos, mas a fase de preparação para o torneio trouxe más notícias. Ricardo sofreu uma fissura no tornozelo esquerdo e chegou a ficar 15 dias usando muletas pouco antes dos Jogos Olímpicos.

Defendendo o título na China, a dupla parecia não sentir o problema físico do baiano. Nos cinco primeiros jogos, Ricardo e Emanuel cederam apenas um set para os adversários. Até que chegou a semifinal e na partida que os deixaria a um passo do bi, eles que não conseguiram vencer sequer uma parcial. Foram os também brasileiros Márcio e Fábio Luiz que tiveram a chance de brigar pelo ouro, porém foram derrotados pelos americanos Phil Dalhausser e Todd Rogers.

Na disputa pela medalha de bronze, uma nova dupla de jogadores brasileiros pela frente. No entanto, Jorge e Renatão são mais conhecidos no mundo do vôlei de praia como Geor e Gia e defendem a Geórgia em competições internacionais. Dois dias depois da derrota na semifinal, Ricardo e Emanuel conseguiram superar a derrota, trouxeram a medalha para o Brasil – nas mãos de quem representava as cores verde e amarela – e o bronze se juntou ao ouro e à prata na coleção do baiano.

Mesmo sem o primeiro lugar, a dupla já estava consolidada como a melhor da história do vôlei de praia brasileiro e poderia continuar alcançando bons resultados a nível mundial. Ao longo de quase uma década juntos, parecia não haver desgaste no relacionamento e a única coisa que parecia capaz de afastar os dois era um motivo pessoal. Ele apareceu em 2009, quando o casamento de Emanuel o motivou a morar no Rio de Janeiro, dificultando a logística para os treinos em João Pessoa.

Em outubro daquele ano, com as emoções afloradas, eles anunciaram a separação em entrevista ao vivo para a TV Globo. Cinco títulos do Campeonato Mundial, duas medalhas olímpicas e sete anos depois, chegava ao fim um casamento nas areias para que outro fora delas pudesse ter um início próspero.

A despedida dos dois em competições oficiais aconteceu justamente em Salvador. Na praia da Armação, pouco importou o terceiro lugar conquistado na etapa do Circuito Banco do Brasil. A torcida lotava as arquibancadas para testemunhar uma história gloriosa que chegava ao fim. Depois do jogo, eles só tinham agradecimentos um ao outro. "O Emanuel é o maior exemplo de profissional que eu já vi", disse Ricardo ao público. "Merece cada vitória que conquistou na carreira". Seu companheiro de longa data ainda sintetizou o significado da dupla para o esporte: "O Ricardo sempre será o melhor parceiro da minha vida. Hoje é um dia triste pois a melhor dupla do mundo acabou".

A vida pós-Emanuel não foi simples, mas rendeu bons resultados. Ao lado de Márcio Araújo, Ricardo seguia fazendo parte de uma dupla que estava entre as melhores do mundo. No primeiro grande desafio internacional da parceria, acontecendo um de seus melhores resultados. Por ironia do destino, o segundo lugar no Campeonato Mundial de Roma, em 2011, veio justamente após uma derrota por 2 sets a 0 para Emanuel, que fazia dupla com Alisson.

Já no final de 2011, no entanto, Márcio Araújo já não era mais o parceiro do jogador baiano e Pedro Cunha passou a dividir a areia com Ricardo, visando os Jogos Olímpicos de 2012. Nesta oportunidade ele teve o pior resultado de sua carreira em quatro participações no torneio, e pela primeira vez voltou para o Brasil sem medalha. Em Londres não havia o trunfo do entrosamento de anos, e a dupla brasileira foi derrotada nas quartas de final.

Em 2013, Ricardo já tinha no jovem Álvaro Filho um novo parceiro de praia. Para alguém que viveu um casamento de sete anos, parecia que o seu coração ainda estava com problemas para se adaptar a um novo companheiro. Mas era impressionante como os resultados seguiam aparecendo. No Campeonato Mundial daquele ano pela segunda vez consecutiva o medalhista olímpico de ouro bateu na trave e ficou em segundo lugar.

A parceria entre Ricardo e Álvaro Filho também não durou muito tempo. Em agosto de 2014 eles já não estavam mais juntos, mas a motivação era nobre. A dupla de ouro de 2004 estava se juntando após cinco anos em lados opostos da rede. Uma década havia se passado desde a maior conquista da dupla e Emanuel agora estava retornando para o seu velho companheiro.

A perspectiva de disputar uma edição dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro e conseguir mais um pódio para coroar a carreira dos dois certamente pesou na decisão. Enquanto estavam separados, Emanuel conquistou um segundo lugar nos jogos de 2012, ao lado de Alisson. Dessa forma, assim como Ricardo, ele tem uma medalha olímpica de cada cor e deseja aumentar a galeria de prêmios. Em 2016 ambos terão idade acima de 40 anos, mas para quem domina as técnicas do vôlei de praia, melhor entender que todo esse tempo nas areias é apenas uma questão de experiência. “Só precisam de motivação. A idade não vai pesar muito não. Se eles estiverem motivados, podem ter bons resultados”, confia o treinador Cajá.

Ricardo ainda não fala de aposentadoria, mas é provável que e o momento de deixar a intensa rotina do esporte esteja chegando. Depois dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro ele terá 41 anos e vai ser difícil esperar até 2020 para aumentar sua coleção de medalhas. Com dois filhos ainda jovens, pode ser a hora certa para deixar de viajar o mundo e passar a acompanhar o crescimento deles.

No caso de Pedro Henrique, no entanto, essa aproximação pode acontecer ainda no vôlei de praia. Em João Pessoa o pai acompanha orgulhoso as primeiras cortadas do filho, nascido em 1997. O garoto ainda disputa campeonatos das divisões de base, mas já foi convocado para a seleção brasileira sbu-19 e se o DNA for generoso ele tem grandes chances de se tornar um atleta de alto nível. Nesse caso, porque não formar uma parceria em família para coroar a carreira de Ricardo?

|  |
| --- |
| ricardo vai jogar com o filho pedro henrique (Foto: Kleide Teixeira / Jornal da Paraíba) |
| *Pedro Henrique pode ser o próximo da família a prosperar nas areias (Kleide Teixeira/Jornal da Paraíba)* |

O vôlei de praia é um esporte relativamente recente, que só conseguiu seu espaço nos Jogos Olímpicos na edição de 1996, em Atlanta. A história da origem da modalidade ainda não é precisa, mas a teoria mais aceita indica que ele nasceu durante a década de 20 na praia de Santa Mônica, no estado da Califórnia, nos Estados Unidos. Em algumas décadas, ele se espalhou pelo mundo e atualmente tem grande número de praticantes em países das Américas, Europa e Ásia.

Se os Estados Unidos foram o berço, o Brasil pode se proclamar como o lugar onde o esporte foi aperfeiçoado. Em um cenário de sol e praia tão comum aos brasileiros, os jogadores daqui logo se posicionaram entre os melhores do mundo na modalidade. Desde 1997, o Campeonato Mundial de vôlei de praia é disputado a cada dois anos e em apenas uma edição o pódio do torneio masculino não teve uma dupla brasileira – entre as mulheres isso nunca aconteceu. Considerando os Jogos Olímpicos, o País é o que tem o maior número de medalhas, superando os americanos.

No Brasil, um dos maiores centros de formação de jogadores está em João Pessoa, de onde saiu Ricardo. O que era pra ser uma viagem a trabalho curta de Salvador até a capital paraibana acabou se prolongando tanto que a cidade se tornou uma nova casa para o jogador. O adolescente alto, mas magro que chegou para fazer dupla com Zé Marco ganhou corpo, se tornou uma muralha para os adversários, e pode ser chamado de forma legítima um herói olímpico brasileiro.

**Referências**

1. Nilton Pacheco de Oliveira

CBB. Nilton Pacheco. Disponível em: <http://www.cbb.com.br/Selecoes/AT?cod=3045>. Acesso em: 22 nov. 2014.

FLUMINENSE. Nota de Falecimento – Nilton Pacheco, ex-atleta de basquete. Disponível em: <http://www.fluminense.com.br/site/olimpico/2013/06/27/nota-de-falecimento-nilton-pacheco-ex-atleta-de-basquete/>. Acesso em: 22 nov. 2014.

1. Edvaldo Valério

SWIM RANKINGS. FINA: 8th World Championships. Disponível em <http://www.swimrankings.net/index.php?page=meetDetail&meetId=516877&gender=1&styleId=27>. Acesso em: 22 nov. 2014.

FOLHA ONLINE. Valério garante medalha e recorde. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/olimpiada2000/emcimadahora/natacao/ult310u47.shtml>. Acesso em: 22 nov. 2014

FOLHA DE S. PAULO. Scherer confirma presença em Sydney. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2608200018.htm>. Acesso em: 22 nov. 2014.

1. Adriana Araújo

ESTADÃO. COI inclui boxe feminino na Olimpíada de 2012. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,coi-inclui-boxe-feminino-na-olimpiada-de-2012,418266>. Acesso em: 22 nov. 2014.

GLOBOESPORTE. Pugilistas olímpicas são cortadas da seleção e atacam CBBoxe: 'Retaliação'. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/lutas/noticia/2013/04/pugilistas-olimpicas-sao-cortadas-da-selecao-e-atacam-cbboxe-retaliacao.html>. Acesso em: 22 nov. 2014.

OLYMPIC. LONDON 2012 BOXING,60 KG (LIGHT) WOMEN. Disponível em: <http://www.olympic.org/olympic-results/london-2012/boxing/60-kg-light-w>. Acesso em: 22 nov. 2014.

1. Formiga

FIFA.COM. FIFA Player Statistics: FORMIGA. Disponível em: <http://www.fifa.com/worldfootball/statisticsandrecords/players/player=31/index.html>. Acesso em: 22 nov. 2014.

SIMÕES, René. O Dia em que as Mulheres Viraram a Cabeça dos Homens. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007.

1. Fabiana

FIFA.COM. FIFA Player Statistics: FABIANA. Disponível em: <http://www.fifa.com/worldfootball/statisticsandrecords/players/player=251053/index.html>. Acesso em: 22 nov. 2014.

ESPN. Fabiana Baiana lidera novo ciclo da seleção e se candidata a ídolo. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/299892\_fabiana-baiana-lidera-novo-ciclo-da-selecao-e-se-candidata-a-idolo>. Acesso em: 22 nov. 2014.

TORNEIO INTERNACIONAL CIDADE DE SÃO PAULO FUTEBOL FEMININO. Brasil é tricampeão do 4º Torneio Internacional Cidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.sportpromotion.com.br/torneiosp/?p=710>. Acesso em: 22 nov. 2014.

1. Ricardo

FIVB. Athlete Biography. Disponível em: <http://www.fivb.org/EN/BeachVolleyball/Player\_DataDB.asp?No=100997>. Acesso em: 22 nov. 2014.

TERRA. Behar, Shelda e Ricardo são "Heróis Olímpicos". Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/volei/noticias/0,,OI477096-EI2233,00-Behar+Shelda+e+Ricardo+sao+Herois+Olimpicos.html>. Acesso em: 22 nov. 2014.

ESTADAO. Ricardo: O importante é sempre sonhar. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,ricardo-o-importante-e-sempre-sonhar-imp-,1027042>. Acesso em: 22 nov. 2014.

UOL. Brasil cria arena em Atenas e dribla organização dos Jogos. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/olimpiadas/ultimas/2004/08/05/ult2281u105.jhtm>. Acesso em: 22 nov. 2014.

ESTADAO. Ricardo e Emanuel anunciam o fim da parceria. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/volei,ricardo-e-emanuel-anunciam-o-fim-da-parceria,448631>. Acesso em 22 nov. 2014.

ESTADAO. Ricardo e Emanuel ganham na última partida da dupla. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/volei,ricardo-e-emanuel-ganham-na-ultima-partida-da-dupla,473941>. Acesso em: 22 nov. 2014.

BEACH VOLLEYBALL DATABASE. Ricardo Alex Costa Santos. Disponível em: <http://www.bvbinfo.com/player.asp?ID=525>. Acesso em: 22 nov. 2014.